

COBERTURA 3

*Para crescer na ternura,
na caridade respeitadora e delicada,
temos um modelo cristão
para o qual dirigir
o olhar com segurança.
É a Mãe de Jesus e nossa Mãe,
atenta à voz de Deus
e às necessidades e dificuldades dos seus filhos.*

*Mensagem do Papa Francisco
para o dia mundial do doente, 2014*

SUMÁRIO

janeiro-fevereiro de 2014

VIDA ESPIRITUAL

- 2 Carta de 1º de janeiro de 2014
Irmã Evelyne Franc, Superiora geral
- 6 Carta de 21 de janeiro de 2014
A todas as Filhas da Caridade
Padre Grégory Gay, Superior geral
- 8 Carta de 24 janeiro de 2014
A todas as Filhas da Caridade
Padre Grégory Gay, Superior geral
- 10 Carta de 2 de fevereiro de 2014
Irmã Evelyne Franc, Superior geral
- 24 Quaresma 2014
A todos os membros da Família Vicentina
Padre Grégory Gay, Superior geral
- 30 “Guardar o melhor para o fim”
Retiro do fim de ano de 2013
Padre Patrick Griffin, Diretor geral

ESPECIAL BEATIFICAÇÃO

- 39 As mártires da Espanha
“Vidas que mudam vidas”
Irmã Maria Angeles Infante, Filha da Caridade
- 46 A beatificação dos mártires da fé em Tarragona
Irmã Maria Angeles Infante, Filha da Caridade

ATUALIDADES DAS PROVÍNCIAS

- Testemunho das Irmãs
- 51 Província das Filipinas
O centro do arquipélago das Filipinas após a passagem do tufão “Haiyan/Yolanda”
Irmãs E. Ferrios e M. S. Evidente, Filhas da Caridade
- 56 Província de Moçambique
Filhas da Caridade a serviço dos doentes de AIDS

Extraído da edição especial de La Croix “toda a energia do mundo”.

- 59 Semana de formação em Roma para as pessoas que participam do programa DREAM
Uma participante

HISTÓRIA DA COMPANHIA

Fontes e Atualidades

- 62 São Vicente, estudante e professor ou a escola de hoje segundo São Vicente
Padre Jean Morin, cm

IRMÃ EVELYNE FRANC, SUPERIORA GERAL

Carta de 1º de janeiro de 2014

Minhas queridas Irmãs,

*“Que Deus nos dê a sua graça e sua bênção, e sua face resplandeça sobre nós !”*¹

Boa festa de Santa Maria, Mãe de Deus e um santo Ano Novo a todas!

Muito obrigada pelos votos afetuosos que me foram dirigidos nestas últimas semanas. Muitas mensagens fizeram-me participar do cotidiano de suas vidas e coloquei todas as intenções que me foram confiadas (os pobres, as Irmãs doentes, as Assembleias, suas famílias...) nas mãos do Menino de Belém; Ele é a luz eterna do Pai que penetra em nossa noite para fazer nascer o dia; Ele vem nos ensinar a construir um mundo de justiça e de paz: *“Rompam juntas em cantos de alegria, ruínas de Jerusalém, porque o Senhor se compadeceu de seu povo...”*².

Há uma semana, a liturgia nos transportava à Belém, ao berço da Fé e da Encarnação, e unimos nossa oração à dos humildes pastores que vieram adorar. Hoje, o Evangelho nos oferece uma imagem radiante da paz que anima esta “Sagrada Família”, de uma unidade espiritual incomparável. Destas páginas evangélicas emana um clima de paz, de interioridade e de humildade próprio do tempo do Natal e que pode ajudar-nos a começar o ano que se inicia.

A SAGRADA FAMÍLIA E AS FAMÍLIAS

É do conhecimento de todas que o Papa Francisco enviou às Conferências Episcopais do mundo inteiro um questionário - 39 questões - destinadas aos fieis leigos. O objetivo desta iniciativa é consultar os católicos sobre a realidade da família em seus respectivos países. Uma Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos Bispos, consagrada à pastoral familiar, acontecerá no outono de 2014 a fim de avaliar as respostas recebidas. Ela será seguida de uma Assembleia Geral Ordinária Sinodal em 2015 para buscar linhas de ação à pastoral da pessoa humana e da família. Trata-se, portanto de uma longa e delicada tarefa. Apoiemo-la com nossa oração, com a reflexão nascida de nossa experiência dos problemas da família presentes em nossa sociedade.

A FRATERNIDADE, FUNDAMENTO E CAMINHO PARA A PAZ

Em sua mensagem de 1º de janeiro, nosso Papa Francisco explica que a pobreza relacional *“só pode ser superada através da redescoberta e valorização de relações fraternas no seio das famílias e das comunidades, através da partilha das alegrias e tristezas, das dificuldades e sucessos presentes na vida das pessoas”*³.

Como podemos contribuir para tornar nosso mundo mais fraterno? Que testemunho ele espera de nossas Comunidades, da Companhia, da Família Vicentina?

A INTERIORIDADE DE MARIA

*“Maria, porém, conservava todos esses fatos e meditava sobre eles em seu coração”*⁴. Isto **nos lembra** que o imediato e o instantâneo podem nos fazer viver superficialmente. Não valemos pela rapidez de

nossa capacidade de reagir, mas antes, pela vida interior que desenvolvemos a partir dos acontecimentos que a vida nos faz passar. A este respeito, pode ser esclarecedor distinguir o “instante” do “presente”. O “instante” está na ordem cronológica. É o que acontece constantemente sem profundidade. O “presente” é o que se mantém durável. A presença autêntica é aquela que traz consigo a experiência do passado.

No começo deste ano, que o exemplo de Maria nos encoraje a não nos deixarmos levar pelo fluxo dos instantes que se sucedem, mas a desenvolver atitudes que nos tornem “presentes” a nós mesmas e aos outros, na vida comunitária e no serviço; elas nascem da oração pessoal e partilhada, do discernimento, do diálogo. Aliás, de acordo com a correspondência recebida, é o que as Irmãs viveram, vivem ou vão viver por ocasião das Assembleias domésticas. Desejo que estas atitudes sirvam de base às Assembleias provinciais em 2014.

AÇÃO DE GRAÇA POR 2013

Como cada Irmã, durante o retiro de fim de ano, fiz minha ação de graças pelo ano que terminou:

*por todas as visitas realizadas nas Províncias com as Conselheiras gerais. Elas permitem melhor compreender o que as Irmãs vivem, reforçar a comunhão e o sentido de pertença à Companhia, segundo o espírito das Constituições;

*pelo nascimento de cinco novas Províncias: em março e maio, Espanha Sur e San Vincenzo Itália, depois em julho, as Províncias del Caribe, de la Milagrosa Bogotá-Venezuela e Nuestra Señora de la Misión-América Sur;

*pelos projetos de união que estão em curso e que acontecerão após a Assembleia geral de 2015;

*pela abertura de uma Comunidade local em Belize, Província do México em colaboração com a Província da América Central;

*pela comunhão vivida na Companhia para apoiar as Irmãs que vivem em países expostos à violência, como a Síria e a República Centrafricana...

*pelo elã missionário suscitado após o furacão Haiyan/Yolanda nas Filipinas, entre as Irmãs desta Província e pela generosa solidariedade manifestada pelas outras Províncias;

*pela beatificação em Tarragone de nossas Mártires do Século XX, cujos testemunhos de vida e de fé nos marcaram fortemente ajudando em nossas escolhas diárias.

Em 2013, o mundo inteiro acompanhou com emoção a saída humilde e digna do Papa Emérito Bento XVI e a eleição do Papa Francisco cujo estilo incisivo e familiar mobiliza multidões. Sem dúvida, todas observaram, assim como eu, o quanto sua exortação apostólica *Evangelii Gaudium* reforça o tema da nossa Assembleia; nela encontramos frases ardentes sobre o elã missionário e a força da caridade. Demos graças por estes acontecimentos e preparemo-nos com alegria para celebrar, em 2014, a canonização dos Bem-aventurados Papas João XXIII e João Paulo II.

O Evangelho da festa de hoje lembra igualmente a humildade, uma de nossas virtudes de família, sobre a qual tanto insiste o Papa Francisco. Permitam-me, pois, concluir esta carta com os conselhos de São Vicente e de Santa Luísa sobre esse assunto. Em sua conferência sobre o orgulho oculto, de 15 de março de 1654, São Vicente explica a importância da humildade “*muito agradável a Nosso Senhor Jesus Cristo, que nos deu o exemplo durante toda a Sua vida e que quis que sua Mãe fosse a mais humilde de todas as criaturas*”⁵; um pouco mais a frente, após ter prevenido as Irmãs contra o orgulho escondido, sobre o qual fez nove observações, São Vicente lhes diz: “*Tendes, portanto, o inimigo descoberto, minhas queridas Irmãs; acabo de vo-lo mostrar; vigiai com cuidado e tomai desde já boas resoluções. Se lhes fordes fiéis, a Companhia será a Companhia de Nosso Senhor Jesus Cristo e adquirireis a qualidade de suas esposas*”⁶.

Em janeiro de 1647, Santa Luísa escreveu assim para a Irmã Elisabeth Turgis: “*No início deste ano, renovai a resolução de servi-lo com o mesmo fervor que tínheis quando compreendestes o que Ele queria de vós*”⁷. Retomemos igualmente por conta própria um de seus pensamentos sobre a devoção mariana: “*Devemos celebrar as festas que a Santa Igreja estabeleceu em sua honra... e rogar-lhe, habitualmente, que nos ajude... a cumprir sua santa vontade com a mesma submissão dela*”⁸.

Bom e santo ano, unidas na alegria de sermos totalmente doadas a Deus, em comunidade, para o serviço de Cristo nos pobres!

Com a certeza de minha oração e de minha afetuosa dedicação,

Irmã Evelyne Franc
Filha da Caridade

Notas:

¹ Salmo 67, 2.

² Isaías 52, 9.

³ Papa Francisco, mensagem para 1º de janeiro 2014, nº 5.

⁴ Lc 2, 19.

⁵ São Vicente, Conferência de 15 de março de 1654, págs. 440 e 441

⁶ Ibid. pág. 446

⁷ Santa Luísa, Escritos Espirituais C.185 (L.168), pág. 219

⁸ Santa Luísa, Escritos Espirituais, E. 68 (M 33), pág. 899

PADRE GRÉGORY GAY, SUPERIOR GERAL

21 de janeiro de 2014

A todas as Filhas da Caridade

Queridas Irmãs,

Que a graça e a paz de Nosso Senhor Jesus Cristo encham os vossos corações agora e para sempre!
Escrevo-lhes esta carta com o Padre Patrick Griffin, CM. Ela tem por objetivo anunciar-lhes que o Padre Patrick não poderá continuar a exercer sua função de Diretor geral.

Chegamos a esta lamentável conclusão somente após inúmeras discussões e reflexões na oração. Esta decisão está baseada unicamente no estado de saúde do Padre Patrick. Há algum tempo que a sua situação cardíaca requer atenção e tornou-se mais preocupante ao longo desses últimos seis meses. Os médicos recomendaram imediatamente, seguir um estilo de vida e um tratamento de saúde que dificilmente lhe permitirão assumir as responsabilidades de Diretor geral, com tudo o que isto representa. Conversei várias vezes, tanto com o Padre Patrick como também com o seu Superior provincial, o Padre Mike Carroll, com o meu Conselho, com a Irmã Evelyne e seu Conselho e, apoiando-me em suas sugestões e na compreensão de todos, cheguei a esta conclusão.

Não é preciso dizer que foi uma decisão difícil para todos nós. O Padre Patrick e eu falamos sobre nosso amor pela Companhia das Filhas da Caridade e sobre o nosso desejo de servir da melhor maneira tanto as nossas Irmãs como os nossos irmãos e irmãs muito amados, os pobres. Reconhecemos que para o Padre Patrick não é possível continuar a assumir a função de Diretor geral em razão das orientações médicas recebidas. A aceitação da Vontade de Deus que, às vezes, se manifesta de maneira misteriosa nas circunstâncias de nossa vida, levou-nos a esta conclusão.

Felizmente, o Padre Patrick terá condições de assumir outro ministério com diferentes responsabilidades tanto para a Congregação, como para a sua Província. Tenho certeza de que falo em nome de todos ao agradecer-lhe por seu serviço e assegurando-lhe nosso apoio constante através da oração. Peço-lhes igualmente, que rezem por este momento em que começo o processo de busca pelo futuro Diretor geral das Filhas da Caridade.

Que o Senhor continue abençoando-as em seu serviço aos pobres!

Padre Gregory Gay, cm
Superior geral
e Padre Patrick Griffin, cm

PADRE GRÉGORY GAY, SUPERIOR GERAL

Carta de 24 de janeiro de 2014

A todas as Filhas da Caridade

Minhas queridas Irmãs,

Que a Graça e a Paz de Nosso Senhor Jesus Cristo permaneçam em vossos corações agora e para sempre!

Há poucos dias o Padre Patrick Griffin e eu vos informamos sobre o estado de saúde do Padre Patrick que não mais lhe permitia continuar a exercer plenamente o serviço de Diretor Geral. Diante deste fato, consultei a Irmã Evelyne e suas Conselheiras, bem como o próprio Padre Patrick a fim de encontrar alguém que pudesse substituí-lo neste serviço.

Hoje, pois, anuncio-vos que após ter considerado as proposições recebidas, com o consentimento do meu Conselho, nomeei o Padre Bernard Schoepfer, Diretor Geral das Filhas da Caridade para um mandato de três anos. Ele aceitou sua nomeação com generosidade e conta com vossas orações para ajudá-lo nesta sua nova missão.

O Padre Bernard, oriundo do leste da França, Alsace, nasceu no dia 13 de março de 1962 em Bâle, Suíça. Foi admitido na Congregação da Missão no dia 10 de setembro de 1984 e ordenado sacerdote no dia 4 de maio de 1989. Desde então, exerceu vários ministérios. Após sua ordenação foi enviado em missão para uma região rural da diocese de Amiens. Em 1998, após uma formação no CIF, foi designado para a animação da Capela Nossa Senhora da Medalha Milagrosa. Ao mesmo tempo, fazia parte de uma equipe que acompanhava os Seminaristas da Congregação da Missão em vista da formação para o ministério presbiteral. De 2000 a 2007, foi Conselheiro Espiritual da Sociedade de São Vicente de Paulo na França. Desde 2004, é responsável pela Casa Mãe dos Padres da Congregação da Missão, em Paris, na rue de Sèvres; e desde 2007, é Assessor Nacional das Equipes de São Vicente - AIC França. Para concluir esta breve apresentação, acrescento que ele foi membro do Conselho Provincial de Paris durante dez anos.

Convosco, agradeço ao Padre Bernard por sua disponibilidade e prometo acompanhá-lo com nossa oração e nosso apoio fraterno. Convosco também, gostaria de exprimir novamente minha profunda gratidão ao Padre Patrick Griffin pela sua incansável dedicação e sua grande disponibilidade testemunhadas ao longo destes três últimos anos ao responder às diversas exigências de seu serviço de Diretor Geral. Rezemos para que Deus lhe conceda a saúde e que ele possa continuar a servi-Lo lá onde o Senhor o chamará. Por sua vez, tenho certeza de que ele continuará a rezar por todas vós e pelos pobres que vós servis.

Juntos, confiemos o mandato do Padre Bernard a Maria, pois “*a Mãe de Deus sendo invocada e adotada como padroeira das coisas importantes, tudo só pode dar certo e redundar em glória do bom Jesus, seu Filho*” (São Vicente XIV, 126 - Documentos, nº 1, pág. 1).

Fraternalmente,

Vosso Irmão em São Vicente,
G. Gregory Gay, C.M
Superior Geral

IRMÃ EVELYNE FRANC, SUPERIORA GERAL

Carta de 2 de fevereiro de 2014.

Minhas queridas Irmãs,

A graça de nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre conosco!

Com a festa da Apresentação de Jesus, a liturgia nos introduz no caminho que nos levará à Páscoa. O humilde gesto de Maria e de José, que oferecem seu filho no Templo, prefigura, de fato, o dom total que Jesus fará na cruz. Por isso o Bem-aventurado João Paulo II escolheu tal festa para celebrar o dia da vida consagrada e desde 1997, a Igreja neste dia dá graças por este dom e reza por aqueles e aquelas que doaram suas vidas para caminhar em seguimento do Cristo.

“As Filhas da Caridade, em fidelidade a seu batismo e em resposta ao apelo de Deus, doam-se inteiramente e em comunidade ao serviço de Cristo nos pobres, seus irmãos e irmãs, com um espírito evangélico de humildade, simplicidade e caridade”¹.

Na Companhia, tradicionalmente, a data de 2 de fevereiro está também associada ao pedido de Renovação dos Votos que é apresentado ao Superior geral. Este ano, mais uma vez, encontrei-me com o Padre Gregory para pedir-lhe com alegria e humildade, a permissão para renovar nossos votos. Relembrei com ele nosso desejo de fidelidade ao chamado de Deus, ao carisma de São Vicente e de Santa Luísa, apesar das dificuldades encontradas e das nossas fraquezas. Devido às suas visitas, o Padre Gregory conhece bem o contexto da Companhia e dedicamos um longo tempo compartilhando os desafios que ela enfrenta as situações de guerra, de urgência humanitária, as perseguições abertas ou latentes contra a Igreja, etc. Ele nos encoraja a viver nossas Assembleias provinciais em um clima de oração e de total abertura ao Espírito, a fim de aprofundar o tão rico tema da *Audácia da Caridade para um novo elã missionário*.

Nosso Superior geral nos concede a graça da Renovação dos Votos para o próximo dia 25 de março, na festa da Anunciação. Reafirmei-lhe o quanto tínhamos apreciado o acompanhamento do Padre Patrick nestes três últimos anos e o quanto lamentamos que, devido a sua saúde, ele não possa mais continuar seu serviço conosco. Ao mesmo tempo, assegurei-lhe que tínhamos acolhido na fé e com gratidão, a nomeação do Padre Bernard Schoepfer.

As semanas entre 2 de fevereiro e 25 de março são um tempo privilegiado para nossa preparação à Renovação e, este ano, desejo refletir sobre o espírito missionário da Companhia, vinculando-o ao quarto tema do nosso Documento Interassembleias: *“Aprofundar nossa pertença à Companhia sendo responsáveis pela ‘Companhia do Futuro’ (cf. C.59)”*². Tenho certeza de que este tema foi bem trabalhado durante as Assembleias domésticas. Nós o retomaremos no contexto do mandato missionário que Jesus Cristo deu à sua Igreja e no contexto da tradição missionária da Companhia.

Introdução

A Exortação apostólica pós-sinodal *Evangelii Nuntiandi* já afirmava com uma bela precisão: *“Evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade”*³.

Recentemente, em sua primeira exortação apostólica, o Papa Francisco nos encoraja a redescobrir a alegria de anunciar o Evangelho; ele deseja dirigir-se *“aos fiéis cristãos a fim de convidá-los para uma nova etapa evangelizadora marcada por esta alegria e indicar caminhos para o percurso da Igreja nos próximos anos”*⁴.

Com o estilo incisivo e simples que o caracteriza, o Papa afirma que atualmente a atividade missionária é o maior desafio para a Igreja:

*“Naquele ‘ide’ de Jesus, estão presentes os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja, e hoje todos somos chamados a esta nova ‘saída’ missionária. Cada cristão e cada comunidade há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho”*⁵.

Esta paixão pelo anúncio da Boa Nova estava profundamente ancorada no coração dos nossos Fundadores: *“Uma coisa é certa, fomos enviados não só para amar a Deus, mas fazê-Lo amado. Não me basta amar a Deus, se meu próximo não o ama”*⁶, dirá São Vicente, mais de uma vez.

Santa Luísa, por sua vez, impulsionada pela Caridade de Jesus Cristo crucificado⁷, se consagrou totalmente à sua missão de formar as Irmãs para o serviço corporal e espiritual dos pobres. Com grande fervor, ela estimula as Irmãs a amar a Deus e anunciá-Lo aos pobres; por isso ela lhes dirá que Deus concedeu-lhes a graça de tirá-las do mundo e chamá-las à Companhia.

Nossos Fundadores, diante da miséria e do estado lastimável de ignorância, de abandono e de marginalização social no qual se encontravam seus contemporâneos, sensibilizaram-se e mobilizaram-se para ajudá-los e socorrê-los tanto em suas necessidades materiais quanto espirituais. Eles aprenderam de Jesus Cristo a olhar cada pessoa com os olhos do coração e se deixaram interpelar pela indignidade deste pobre povo, perdido e desorientado como ovelhas sem pastor.

Proponho-lhes desenvolver nossa reflexão em dois pontos: no primeiro tempo recordaremos os fundamentos do espírito missionário da Companhia; depois, num segundo tempo, nos questionaremos sobre os modos de participação da Companhia na atual missão evangelizadora da Igreja.

A caridade de Jesus Cristo nos impele⁸

A Companhia é missionária por natureza⁹

Dissemos que nossos Fundadores sentiram a urgência da evangelização como o testemunham as ações que empreenderam e os frutos perduram ainda hoje, quase quatro séculos depois.

A Filha da Caridade vive sua vocação como uma configuração progressiva a Jesus Cristo, fonte e modelo de toda caridade e participa de sua missão: *“É certo que a caridade, quando habita uma alma, ocupa inteiramente todas as suas capacidades... é um fogo que age constantemente; mantendo sempre em prontidão, sempre em ação a pessoa que por ele foi uma vez abrasada”*¹⁰.

Ser Filha da Caridade, dizia São Vicente, é fazer o que fez o Filho de Deus na terra, trabalhando incessantemente pelo próximo, visitando e cuidando dos doentes, ensinando os ignorantes para sua salvação. *“Veio para ensinar e iluminar. É o que fazeis. Continuais o que Ele começou; sois suas filhas e podeis dizer: ‘sou filha de Nosso Senhor’; e tendes de vos parecer com Ele”*¹¹.

Santa Luísa encorajava as Irmãs nesta mesma direção. Escreveu assim uma vez, à Irmã Francisca Ménage, à Nantes: *“Lembrai-vos, sempre, querida Irmã, de que deveis ter grande cuidado em ajudá-los a conhecerem e amarem Nosso Senhor”*¹².

Missão e Caridade

Na vocação vicentina, missão e caridade são inseparáveis. É por isto que em seu serviço dos pobres, as Filhas da Caridade *“têm como principal preocupação fazê-los conhecer Deus, anunciar-lhes o Evangelho e tornar presente o Reino”*¹³.

A atenção às necessidades espirituais e corporais dos pobres constitui um elemento essencial da identidade da Filha da Caridade. As Constituições resumem assim a contento o ensinamento dos Fundadores: *“na constante preocupação com a promoção integral da pessoa, a Companhia não separa o serviço corporal do serviço espiritual, a obra de humanização da obra de evangelização. Um serviço e presença lembrando-se do Senhor que revelava o Amor do Pai e dava como sinal de sua missão: ‘os cegos veem, os coxos andam... e a Boa Nova é anunciada aos pobres’*¹⁴.

Hoje como ontem, tantos homens e mulheres buscam o sentido de sua vida, eles têm sede de Deus, às vezes, sem o saber. A onda de secularização e de relativismo está acompanhada de uma sede de transcendência. Podemos constatar o quanto as pessoas a buscam em correntes pseudoespirituais, nas seitas, etc. Como dizia o Papa emérito Bento XVI: *“não podemos esquecer que a maior pobreza é a de não reconhecer a presença do mistério de Deus e de seu amor na vida do homem, amor que é o único que verdadeiramente salva e liberta. Na verdade, ‘quem exclui a Deus de seu horizonte falsifica o conceito de realidade, e conseqüentemente só pode terminar em caminhos equivocados e com receitas destrutivas’*¹⁵.

Desde as origens, enviadas nos caminhos do mundo

As biografias de São Vicente nos relatam o espírito missionário que o animou durante toda sua vida. Ele tinha uma grande devoção a São Francisco Xavier, o patrono das missões, de quem se lia a vida e as cartas no refeitório de São Lázaro. A partir de 1639, observam-se nos escritos de São Vicente menções à missão ad gentes e vários projetos missionários.

Cheio de zelo apostólico, São Vicente convidava seus coirmãos a compartilhar suas experiências missionárias e com emoção, difundia as notícias recebidas para todos da Congregação. O mundo era pequeno para o coração missionário de São Vicente que estava disposto a *“ir até às Índias, a fim de conquistar almas para Deus, ainda que eu tenha que morrer pelo caminho ou no navio”*¹⁶.

Com a audácia dos Apóstolos, São Vicente e Santa Luísa enviaram as Filhas da Caridade pelos caminhos do mundo. Os Fundadores encorajaram as Irmãs a estar prontas para ir lá onde fossem enviadas: “*É assim que deves proceder para serdes boas Filhas da Caridade, para ir onde Deus quiser: se for para África, para África, para o exército, para as Índias, para onde vos pedirem, sois Filhas da Caridade, deves ir para ali*”¹⁷.

Portanto, desde as origens, as Filhas da Caridade foram caracterizadas por sua mobilidade e disponibilidade para realizar todo tipo de serviço.

A Companhia tem um coração e um rosto missionários

Hoje, ela está presente nos cinco continentes, em 95 países, com a preocupação de levar os pobres a conhecer Deus, anunciar-lhes o Evangelho e tornar presente o Reino de Deus, graças à grande diversidade de serviços.

A disponibilidade, clara expressão de uma vocação vivida com autenticidade e coerência, implica compreender bem que não nos pertencemos. Doando-nos ao Senhor na Companhia, nós nos comprometemos a colocar a serviço da missão o que somos e o que temos. A disponibilidade leva à mobilidade e à capacidade de mudar de lugar, de comunidade, de serviço, assim como de pontos de vista pessoal ou de ideias bem fixas. A disponibilidade é tecida de despreendimento e de humildade, acompanhada de generosidade e de alegria. A pertença à Companhia e a disponibilidade são inseparáveis: “*A disponibilidade ajuda todas as Irmãs a superarem suas próprias opiniões e interesses em vista do bem comum e permite à Companhia assegurar os serviços que lhe estão confiados*”¹⁸.

Estamos sempre prontas a cavar novos sulcos na grande missão do mundo, nos confins da terra, ou nas esquinas de nossas ruas, nas periferias da pobreza humana e espiritual para testemunhar a caridade do Cristo através de nossos serviços, nossa vida e nossa proximidade?

Sim, porque eu constato a generosidade das Províncias, a das Irmãs por ocasião das novas implantações da Companhia; admiro também as Irmãs que estão prontas a deixar tudo em caso de catástrofes naturais, as que aceitam serviços temporários em outras Províncias, mudanças inesperadas de Comunidades em suas Províncias, as que se sacrificam e rezam pelas Irmãs no serviço direto com os pobres...

Porém... o quarto apelo do nosso Documento Interassembleias convida cada uma, pessoalmente, a um maior despreendimento, maior disponibilidade, em fidelidade aos votos que desejamos renovar, para que o fogo do carisma vicentino continue nos abrasando, seja qual for nossa idade, nosso estado de saúde...

“*Minhas queridas Irmãs, a Regra diz que as boas Filhas da Caridade e eu bom missionário temos necessidade de viver nesta total indiferença. Devemos trabalhar para nos manter apegados somente a Deus a fim de que, desprendidos das criaturas, o nosso coração só suspire por Ele e seja dócil em seguir tudo o que Deus pede de nós, para ir por toda parte aonde nossos Superiores nos enviarem*”¹⁹.

Tal flexibilidade será necessária para respondermos ao apelo que o Papa Francisco dirige a toda Igreja.

A Companhia participa da missão universal da Igreja²⁰

A vocação e a missão da Companhia estão em perfeito acordo com o apelo à nova evangelização, à missão, tal como ele se expressa nas proposições do Sínodo dos Bispos sobre *a nova evangelização para a transmissão da fé* e, evidentemente, na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*.

Esse documento do Papa Francisco, todos os seus discursos, intervenções e mensagens marcam as mentes e os corações tanto de cristãos como de não cristãos. Alimentam nossa oração e nossa reflexão e parece-me proveitoso procurarmos descobrir como podem ajudar-nos a preparar a Renovação.

Filhas da Caridade, agentes de evangelização através da diaconia da caridade.

Deus escolheu as Irmãs para serem apóstolas da Caridade²¹, agentes de evangelização a serviço da caridade. A caridade é o princípio da vida e do agir da comunidade cristã no mundo; é o centro de toda evangelização autêntica.

Jamais poderemos separar nem opor fé e caridade. Trata-se de colocar em prática o Evangelho. A recente Encíclica *Lumen Fidei* evoca a repercussão da fé sobre a cidade dos homens “*a luz da fé coloca-se a serviço concreto da justiça, do direito e da paz*”²². *Evangelii Gaudium* o reafirma assim: “*a tarefa da evangelização implica e exige uma promoção integral de cada ser humano*”²³.

É essencial compreender a caridade como o coração da ação evangelizadora da Igreja. A experiência vicentina da caridade evangelizadora é em si-mesma anúncio do Evangelho, é a melhor expressão do amor de Deus. Lembremo-nos de como, muitas vezes, São Vicente repetia às Irmãs: “*sois destinadas a representar a bondade de Deus para com esses pobres enfermos. Ora, como esta Bondade divina procede mansa e caridosamente com os pobres doentes, deveis também tratar dos pobres doentes...*”²⁴. É também o que o Papa Francisco chama “a arte do acompanhamento”: aprender sempre a tirar nossas sandálias diante da terra sagrada do outro, dar ao nosso caminho o ritmo salutar da proximidade, com um olhar respeitoso e cheio de compaixão, mas que ao mesmo tempo cura, liberta e impulsiona a amadurecer na vida cristã²⁵.

Nossos Fundadores estavam convencidos e nos transmitiram a convicção de que, quando se exerce a caridade com o espírito de Jesus Cristo, o próprio Cristo se faz presente.

Como acompanhamos nossos irmãos e irmãs em dificuldade?

Vivemos em uma época complexa e fascinante. Aos nossos contemporâneos é proposta uma sociedade somente de bem-estar, cada vez mais secularizada ou um desenvolvimento puramente material. Em muitos países, os meios de comunicação sustentam um clima de indiferença, até mesmo de rejeição à religião cristã, supostamente ultrapassada. Para enfrentar tais desafios, temos necessidade de convicções firmes, enraizadas na fé e em nosso carisma vicentino.

Filhas da Caridade animadas por sólidas convicções, por um entusiasmo missionário.

Para manter a chama do carisma, viver com alegria e fidelidade nossa pertença à Companhia²⁶, devemos viver em estado de caridade e de missão permanente. A missão renova a Igreja, reforça a fé e a identidade cristã, dá-nos um novo entusiasmo; revigoremos nossas convicções, sejamos lúcidas sobre as dificuldades que podem frear o entusiasmo missionário.

Uma dessas dificuldades situa-se no coração da própria pessoa que evangeliza: a fraqueza da fé, da vida interior, o esgotamento, a falta de motivações. O papa Francisco o expressa claramente: “*Hoje se nota em muitos agentes pastorais, mesmo pessoas consagradas, uma preocupação exacerbada pelos espaços pessoais de autonomia e relaxamento, que leva a viver os próprios deveres como mero apêndice da vida, como se não fizessem parte da própria identidade.... Assim, é possível notar em muitos agentes evangelizadores - não obstante rezem - uma acentuação do individualismo, uma crise de identidade e um declínio do fervor. São três males que se alimentam entre si*”²⁷.

Além disto, algumas dificuldades são provenientes do ambiente exterior; alguns se perguntam se o anúncio do Evangelho não foi substituído pelo diálogo inter-religioso, se a promoção humana não é um objetivo suficiente, se o respeito à consciência e à liberdade não exclui os apelos de conversão.

Outros se perguntam onde está hoje a missão e correm o risco de reduzi-la unicamente à missão ad extra. O Papa emérito Bento XVI teve esta bela fórmula: “*os verdadeiros destinatários da atividade missionária do povo de Deus não são só os povos não cristãos e das terras distantes, mas também os campos sócio-culturais, e sobretudo os corações*”²⁸.

O zelo pela evangelização nasce de uma verdadeira santidade de vida, alimentada pela oração e, sobretudo pelo amor à Eucaristia. É sustentado por uma profunda vida de fé, um estilo de vida coerente com os valores do evangelho, em comunhão com a Igreja. “*o mundo reclama evangelizadores que lhe falem de um Deus que eles conheçam e lhes seja familiar como se eles vissem o invisível. O mundo reclama e espera*

de nós simplicidade de vida, espírito de oração, caridade para com todos, especialmente para com os pequeninos e os pobres, obediência e humildade, desapego de nós mesmos e renúncia"²⁹.

Quais são as nossas convicções sobre o que foi dito e que testemunho damos aos que nos cercam?

Nossa pertença à Companhia está clara, bem visível? Nossa inserção na diocese e nossa participação na vida paroquial são significativas?

Estamos atentas para não ceder à tentação da mundanidade espiritual, isto é, de agir para nossa própria realização e não para a glória de Deus³⁰, como o destaca o Papa Francisco?

Nossos Estatutos destacam a importância da educação da fé, sobretudo nos meios populares e a difusão da mensagem marial de 1830; como está a pastoral da juventude em nossa Comunidade, em nossos estabelecimentos educativos, em nossa Província?

Temos necessidade de convicções bem ancoradas, de um trampolim muito sólido para assumir nosso elã, um novo elã missionário.

Filhas da Caridade, responsáveis pela Companhia do futuro.

O quarto tema do nosso Documento Interassembleias nos lembra que somos responsáveis pela Companhia do futuro. O carisma vicentino é o tesouro que Deus colocou em nossas mãos para dele viver plenamente e transmiti-lo às novas gerações.

A nova evangelização tem necessidade de Filhas da Caridade audaciosas, decididas a ir contra a corrente, a buscar novos serviços, a desenvolver um modo de presença que torna ainda mais visível a compaixão e a misericórdia do Senhor para com a humanidade sofredora e sedenta de vida. Em alguns casos, será preciso reforçar o que existe e em outros ter a coragem de inovar.

Porém, se é importante prestar atenção às opções de serviço, aos meios, aos lugares que devemos privilegiar, a verdadeira mudança nasce no coração, é fruto do Espírito Santo que renova todas as coisas.

A Caridade de Jesus Cristo crucificado nos impele a continuar o combate da fé com renovada energia do Espírito de Pentecostes, para resistir à tentação do mundanismo ou do secularismo.

A Caridade de Jesus Cristo crucificado nos impele a servir indo e vindo nas grandes estradas da nova evangelização, lutando contra a globalização da indiferença.

A Caridade de Jesus Cristo crucificado nos impele a afirmar o valor da vida frágil que cresce ou se apaga na fraqueza; a promover a cultura do encontro e a civilização do viver juntos na paz e na liberdade, a acompanhar a falta de esperança e a solidão, a ser portadoras de misericórdia e de perdão.

A Caridade de Jesus Cristo crucificado nos impele a aceitar serenamente permanecer às margens da missão, oferecendo a doença, a idade, como sinal de participação plena à nova evangelização.

Como enfrentar tais desafios, pessoal e comunitariamente, em nossas Províncias e na Companhia?

Conclusão

Para servir Cristo e continuar sua missão, nós nos comprometemos a viver nossa consagração batismal através da prática dos conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência que nos tornam disponíveis à finalidade da Companhia: o serviço de Cristo nos pobres³¹.

A Renovação anual dos votos, um ato livremente feito e inspirado pelo amor, ajuda-nos a fortalecer nossa vontade de responder à vocação³².

Esta graça da Renovação nos conduz a confirmar nosso dom total a Deus por meio de um voto específico de servir os pobres corporal e espiritualmente³³. Vivamos nosso serviço enraizadas na mística vicentina.

Somos Filhas da Caridade, enviadas de maneira permanente em missão ao longo da nossa vida. Deixemo-nos evangelizar pelos pobres. *“A nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica das suas vidas, e colocá-los no centro do caminho da Igreja. Somos chamados a descobrir Cristo neles: não só a emprestar-lhes a nossa voz nas suas causas, mas também a ser seus amigos, a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles”*³⁴.

Em um ambiente contaminado pela busca de satisfações pessoais, vivamos no seguimento de Jesus Cristo, o conselho evangélico de castidade que nos liberta dos apegos interiores e exteriores para uma entrega incondicional e uma total disponibilidade no serviço dos pobres³⁵.

O Papa Francisco insiste com veemência sobre a alegria para uma vida fecunda. *“A castidade como carisma precioso, que amplia a liberdade do dom a Deus e aos outros, com a ternura, a misericórdia e a proximidade de Cristo... uma castidade ‘fecunda’, que gera filhos espirituais na Igreja!”*³⁶.

Em um mundo utilitarista que privilegia o consumismo e exagera o bem-estar, vivamos o conselho evangélico de pobreza que nos leva a colocar a serviço dos pobres o que somos e o que temos³⁷, no seguimento de Jesus Cristo que a assumiu em espírito de abandono a seu Pai e como sinal de sua missão no mundo³⁸.

A pobreza expressa-se *“... na sobriedade e alegria pelo essencial, para vigiar contra os ídolos materiais que ofuscam o sentido autêntico da vida. Pobreza que se aprende com os humildes, os pobres, os doentes e quantos vivem nas periferias existências da vida. A pobreza teórica não nos é útil. Aprendemos a pobreza se tocarmos a carne de Cristo pobre nos humildes, pobres e doentes e nas crianças”*³⁹.

Em uma sociedade que promove a cultura autorreferencial e o culto do eu, vivamos o conselho evangélico de obediência no seguimento de Jesus Cristo e sob o impulso do Espírito Santo, fazendo a Deus a oferta total de nossa liberdade⁴⁰ a fim de permanecermos disponíveis para a missão.

É algo grandioso e belo, aceitar a relançar nossas redes, quando *“tentamos a noite inteira e nada pescamos”*⁴¹ apenas porque o Senhor o disse e o deseja. A vocação da Filha da Caridade não pode durar senão numa disposição permanente de viver a obediência, na busca e aceitação da vontade de Deus.

De todo coração, desejo-lhes uma fervorosa preparação para a Renovação. Dou graças pelas interpeleções manifestadas durante as Assembleias domésticas e, desde já, pelos compromissos que nascerão das Assembleias provinciais.

Renovando nosso Sim, confiemo-nos à Virgem Maria, única Mãe da Companhia e estrela da nova evangelização que ilumina o deserto deste mundo. Que ela nos guie no caminho e nos ajude a percorrê-lo orientando nosso coração para *“o essencial: o dom do Espírito, a companhia de Jesus, a verdade da sua palavra, o pão eucarístico que nos alimenta, a fraternidade da comunhão eclesial, o impulso da caridade”*⁴².

Em nome de todas, agradei ao Padre Gregory por sua incansável atenção à Companhia, pelas visitas e por sua calorosa cordialidade. Da mesma forma, reiterarei ao Padre Patrick nossa gratidão por tudo o que recebemos dele nestes últimos três anos; ao Padre Bernard, transmiti os votos de boas vindas ao seu novo serviço. Com reconhecimento enviei lembranças ao Padre Mc Cullen, ao Padre Maloney, ao Padre Quintano e ao Padre Javier. Finalmente, assegurei à Mère Duzan e à Mère Elizondo nossa respeitosa e fraterna afeição, acompanhada de nossas orações.

Com minha dedicada afeição e a certeza de minha oração na intenção de cada uma,

Irmã Evelyne Franc
Filha da Caridade

Notas:

¹ C. 7a.

² Doc. Interassembleias 2009, pág. 15 e pág. 25.

³ Evangelii Nuntiandi, 14.

⁴ Papa Francisco, Evangelii Gaudium, 1.

⁵ Papa Francisco, Evangelii Gaudium, 20.

⁶ São Vicente, conferência de 30 de maio de 1659, sobre a Caridade, XII, pág. 262.

⁷ Cf. 2 Cor 5, 14. Constituição pág. 15.

⁸ Cf. 2 Cor 5, 14. Constituição pág. 15.

- ⁹ C. 25a.
- ¹⁰ São Vicente, repetição da oração, de 4 de agosto de 1655, XI, p. 215-216.
- ¹¹ São Vicente, conferência de 9 de fevereiro de 1653, sobre o espírito da Companhia, pág. 388
- ¹² Santa Luísa, Escritos Espirituais C.607 (L. 548), pág. 649
- ¹³ C. 10a.
- ¹⁴ C. 14.
- ¹⁵ Documento de Aparecida, nº 405- Discurso de abertura do Papa Bento XVI na V Conferência do Celam.
- ¹⁶ São Vicente, repetição da oração, de 17 de junho de 1657, XI, p. 402.
- ¹⁷ São Vicente, conferência de 18 de outubro de 1655, pág. 547
- ¹⁸ C. 31 c.
- ¹⁹ São Vicente, conferência de 6 e junho de 1656, sobre a indiferença, pág. 565
- ²⁰ Cf. C. 1a.
- ²¹ Cf. São Vicente, conferência de 8 de agosto de 1655.
- ²² Lumen Fidei, 51.
- ²³ Evangelii Gaudium, 182.
- ²⁴ São Vicente, conferência de 11 de novembro de 1657, pág. 676
- ²⁵ Cf. Evangelii Gaudium, 169.
- ²⁶ Cf. Doc. Interassembleias pág. 15.
- ²⁷ Papa Francisco, Evangelii Gaudium, 78.
- ²⁸ Documento de Aparecida, n.375: Bento XVI, Discurso aos membros do Conselho Superior das Pontifícias Obras Missionárias, 5 de maio
- ²⁹ Evangelii Nuntiandi, 76.
- ³⁰ Cf. Discurso do Papa Francisco aos representantes pontificais, 21 de junho de 2013.
- ³¹ Cf. C. 8b e 27.
- ³² Cf. C. 28d.
- ³³ Cf. C. 24a.
- ³⁴ Papa Francisco, Evangelii Gaudium, 198.
- ³⁵ Cf. C. 29a.
- ³⁶ Papa Francisco, 8 de maio de 2013
- ³⁷ Cf. C. 30a.
- ³⁸ Cf. C. 30a.
- ³⁹ Papa Francisco, 8 de maio de 2013.
- ⁴⁰ Cf. C. 31a etc.
- ⁴¹ Lc 5, 5.
- ⁴² Mensagem ao povo de Deus, Sínodo dos Bispos, outubro de 2012.

PADRE GRÉGORIO GAY, SUPERIOR GERAL

Carta da Quaresma 2014
A Quaresma e a lição de Lampedusa
A todos os membros da Família Vicentina

Queridos Irmãos e Irmãs,

Que a graça e a paz de Nosso Senhor Jesus Cristo preencham os seus corações agora e sempre!

Permitam-me começar por estas palavras da Sagrada Escritura para fixar nossa atenção ao longo desta Quaresma: “*Conheceis bem a bondade de Nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, Se fez pobre por vós, para vos enriquecer com a sua pobreza*” (2 Cor 8, 9). Às vezes, podemos nos perguntar o que significa ser pobre ou ser rico. Mas, no momento em que a Quaresma começa, estas palavras de São Paulo nos lembram que este tempo nos chama a ver a pobreza e a riqueza através do olhar de Deus.

A “riqueza e a pobreza” da Quaresma

Considerar a riqueza e a pobreza segundo a perspectiva da sociedade contemporânea pode parecer perda de tempo. Hoje, ser rico está sempre associado ao conforto material, um objetivo desejado que confere poder, privilégio e acesso ao mais alto requinte. A pobreza, ao contrário, é considerada como um flagelo e uma marca de inferioridade que com frequência desumaniza os pobres e faz deles os “bodes expiatórios” dos males da sociedade.

Que diferença quando consideramos a pobreza e a riqueza à maneira de Jesus Cristo! As leituras da Quaresma fazem referências às pessoas ricas cujas vidas foram transformadas por Jesus. No Evangelho de Marcos, um jovem rico queria seguir Jesus, mas quando este lhe pede para distribuir seus bens materiais aos pobres, o jovem “*contristado com essa palavra saiu pesaroso, pois era possuidor de muitos bens*” (Mc 10, 22). Na parábola do rico e de Lázaro no Evangelho de Lucas, o pobre tem um nome e um lugar no céu, enquanto o rico está entregue ao anonimato e à condenação, em razão de sua indiferença para com o mendigo próximo dele (Lc 16, 19-31). Um, busca a conversão, mas não a alcança; o outro, não consegue ver além de sua vida confortável. São Paulo nos oferece uma imagem que nos ajuda a refletir sobre a riqueza deste mundo: “*seu fim é a destruição, seu deus é o ventre... e seus pensamentos no que está sobre a terra*” (Fil 3, 19).

São Vicente de Paulo viu na pobreza não somente um meio para o serviço, mas uma finalidade evangélica, a de alcançar uma vida de união a Jesus Cristo. Os membros da Família Vicentina que fazem votos de pobreza, assim como os leigos comprometidos a viver nosso carisma vicentino devem esforçar-se, em fidelidade às promessas batismais, para se converter a Cristo antes de entrar no mundo dos pobres. Para preparar seus primeiros discípulos para seguir este caminho, Vicente dizia: “*procuremos nos tornar interiores, fazer que Jesus Cristo reine em nós...busquemos a glória de Deus, busquemos o reino de Jesus Cristo*” (Coste XII, conf. n° 198, págs. 131-132).

Este tempo de graça é um tempo para buscar e saborear ao mesmo tempo a riqueza e a pobreza que oferece a Quaresma. Essas riquezas são numerosas: o tesouro do Evangelho e das leituras quotidianas para a reflexão e a oração; as devoções centradas na paixão, morte e ressurreição de Jesus; os momentos de silêncio na presença de nosso Senhor para avaliar como vai a nossa vida; a participação na vida sacramental da Igreja, inclusive no sacramento da reconciliação. A Quaresma é um tempo que oferece um maravilhoso alimento espiritual.

A Quaresma é também um tempo de confronto quando nos encontramos diante da pobreza presente em nós. O que me impede de viver como um discípulo de Jesus, nos passos de São Vicente? Que preocupações e medos se escondem em lugares obscuros do meu espírito e do meu coração, são obstáculos à graça de Deus e me impedem de servir aos mais abandonados? Fazendo-nos experimentar o vazio, a Quaresma nos conduz a Jesus que nos ajuda a rezar mais profundamente de todo coração, a dominar nossos desejos e a dar generosamente nosso tempo, nossos talentos e nossos bens. Quando agimos assim, estamos em solidariedade com o Senhor que se faz presente nos menores dentre nós.

A “lógica” do “amor”

Em sua primeira *Mensagem para a Quaresma*, o Papa Francisco descreveu a Encarnação de Jesus como “a lógica do amor”. O Cristo assumiu a condição humana para “*se colocar no meio do povo necessitado de perdão, no meio de nós pecadores e, carregar sobre Si o peso dos nossos pecados. Este foi o caminho que Ele escolheu para nos consolar, salvar e libertar da nossa miséria*” (Mensagem da Quaresma, 2014). Pode parecer estranho associar “lógica” e “amor” na mesma expressão. Mas aceitando a missão de salvação do Pai, Jesus revela sua finalidade: manifestar um amor sem medo e um serviço desinteressado para fazer acontecer o Reino de Deus sobre a terra.

O que motivava e animava a missão de Jesus era a sua união com o Pai e o desejo de partilhar com todos o amor inesgotável de Deus, sobretudo aos pobres. O Papa Francisco destaca que “*o amor torna semelhante, cria igualdade, abate os muros e as distâncias*” e, na Encarnação “foi o que Deus fez conosco” (Mensagem da Quaresma, 2014). No seu coração, o amor de Jesus por nós é um amor que verdadeiramente se sacrifica, um “amor até a morte” (Rm 5, 8). A Quaresma é um tempo para meditar e fazer memória deste amor.

São Vicente acreditou nesta “lógica do amor” e a abraçou. Ao mesmo tempo que o Senhor lhe deu uma fé profunda, esta o libertou para amar a Deus, servir os pobres, motivar e preparar seus Missionários, as Filhas da Caridade e os leigos a fazerem o mesmo. Nos pobres, Vicente encontrou o Cristo sofredor e tornou-se um verdadeiro discípulo e servo. Ele nos lembra que apesar das aparências exteriores “o Filho de Deus que quis ser pobre nos é representado por estes pobres” e que “devemos entrar nestes sentimentos e fazer o que o Cristo fez... cuidar dos pobres... consolá-los, socorrê-los e rezar por eles” (Rezar com a Famí-

lia Vicentina, pág. 236). A espiritualidade cristocêntrica de Vicente tornou-se a alma do seu apostolado a serviço dos pobres.

Para esta Quaresma, sugiro que dediquem tempo para ler e refletir sobre a vida e os escritos de Vicente de Paulo e de Luísa de Marillac. Numerosos e excelentes recursos, impressos ou digitalizados estão à nossa disposição. Renovando os vínculos com nossos santos fundadores aprofundamos a compreensão que temos deles e a estima por nosso carisma, despertando assim o desejo crescente de ser discípulos de Jesus e de agir cada vez mais como tais.

Reconhecer e encontrar as “pessoas da periferia”.

A “lógica do amor” cujo exemplo nos foi dado por Jesus através de sua vida, conduziu Vicente e Luísa a servir os pobres e as “pessoas da periferia”. Durante a reunião da União dos Superiores Maiores, o Papa nos exortou a motivar nossos membros para irem às margens: *“Compreende-se a realidade somente a partir da periferia. É preciso andar na periferia para conhecer de verdade como vivem as pessoas”* (Boletim Sala de Imprensa do Vaticano, novembro de 2013). Sei que é mais fácil dizer do que fazer, então, por onde devemos começar?

Podemos começar pelos Evangelhos dos domingos da Quaresma. Eles nos oferecem ocasião para refletir sobre as “pessoas da periferia”, antes de encontrá-las no serviço. Começando pela passagem das tentações de Jesus no deserto (Mt 4,1-11), vemos como o Cristo escolheu ir para a periferia dirigindo-se ao deserto, um lugar de perigo e desolação, para jejuar, rezar e ser tentado. Mas, Jesus a tudo superou. Assim, a periferia se tornou o trampolim do ministério público de Jesus.

Há muitas passagens bíblicas da Quaresma que falam das “pessoas da periferia”, no entanto, duas se destacam no Evangelho de João. Trata-se dos encontros de Jesus com a Samaritana junto ao poço (Jo 4), e com o cego de nascença que Jesus curou (Jo 9). Jesus os vê como duas pessoas estigmatizadas pela sociedade a pelas autoridades religiosas, devido ao seu comportamento ou à sua enfermidade. Ele entra em suas vidas, cura-as, trata suas chagas, tira-as da periferia e, as introduz novamente na comunidade.

As vidas de Vicente de Paulo e a de Luísa de Marillac foram um contínuo caminhar em direção às pessoas da periferia, para ajudá-las, guiá-las, acompanhá-las e torná-las responsáveis. Esta Quaresma poderá tornar-se um tempo de reflexão e de meditação sobre as novas maneiras de encontrar as pessoas da periferia, lá onde estamos. O Papa Francisco disse que há somente uma verdadeira miséria, a de: *“não viver como filhos de Deus e irmãos de Cristo”* (Mensagem da Quaresma, 2014). Que esta Quaresma nos conduza a procurar e servir os pobres no Cristo e o Cristo nos pobres!

Questionar a “globalização da indiferença”

O tema desta carta e a imagem apresentada na primeira página destacam Lampedusa, uma pequena ilha ao largo da Sicília cuja situação se tornou explosiva devido o afluxo dos refugiados requerentes de asilo. Uma tragédia atingiu recentemente a ilha quando um barco sobrecarregado afundou, matando centenas de homens, mulheres e crianças originários da Líbia e da Eritreia. O Padre Zeracristos, nosso Assistente geral teve que deixar o retiro para ir ao necrotério e identificar alguns corpos de pessoas que eram originárias de sua aldeia na Eritreia. Como milhões de pessoas antes destas, são “pessoas da periferia” anônimas, relegadas ao esquecimento da história.

Na primeira viagem do seu pontificado fora de Roma, o Papa Francisco foi a Lampedusa. Lá, ele rezou, visitou os sobreviventes, agradeceu às pessoas que estavam cuidando dos refugiados e depositou uma coroa de flores no oceano em memória dos mortos. Na sua homilia, durante a missa nesse mesmo dia, o Santo Padre inventou uma expressão pungente para definir a razão da situação crítica destes refugiados e a de outras inúmeras “pessoas da periferia”. Ele a qualificou de “globalização da indiferença”. Eis aqui um trecho de sua homilia, desse dia:

*“A cultura do bem-estar, que nos leva a pensar em nós mesmos, torna-nos insensíveis aos gritos dos outros...; antes, leva à **globalização da indiferença**...Habitua-nos ao sofrimento do outro, não nos diz respeito, não nos interessa, não é responsabilidade nossa!” ... Quem de nós chorou por este fato e por fatos como este?”* (Homilia de 8 de julho de 2013)

Como a pobreza, a guerra, a violência e o terrorismo, a indiferença também mata: não somente as pessoas mais igualmente o espírito humano. Vencer a “globalização da indiferença” começa quando cada membro da Família Vicentina reconhece suas riquezas e suas pobrezaas diante do Senhor e decide, então, colocá-las a serviço do nosso carisma vicentino para o bem dos pobres de Deus. Neste tempo de Quaresma, nós que compartilhamos este legado de esperança - nosso carisma vicentino - devemos escutar estas palavras do Santo Padre como uma convocação à conversão. As leituras da Quarta-feira de Cinzas nos dizem em que consiste uma verdadeira conversão de Quaresma: “*rasgai vossos corações e não vossas vestes*” (Joel 2, 13).

Os dons da Quaresma são paradoxais, mas reafirmam uma grande verdade: apresentando ao mesmo tempo nossa pobreza e nossa riqueza ao Senhor, somos renovados e fortalecidos como discípulos de Cristo à maneira vicentina. Acolham a riqueza e a pobreza de Cristo; que elas lhes concedam suas graças tornando sua Quaresma fecunda!

Seu Irmão em São Vicente,

Padre Gregory Gay, C.M.
Superior geral

PADRE PATRICK GRIFFIN, DIRETOR GERAL

Retiro de fim de ano - 2013
“Guardar o melhor para o fim”

Todos nós já lemos a passagem das bodas de Caná que fala do primeiro milagre realizado por Jesus. Podemos considerá-lo como um ato que põe fim ao período “oculto” de sua vida e começa então a vida “pública”. A participação de Maria nesta festa não é uma surpresa.

“No terceiro dia, houve um casamento em Caná da Galileia e a Mãe de Jesus estava presente. Jesus também tinha sido convidado para esse casamento com os seus discípulos. Faltou o vinho e a Mãe de Jesus disse-Lhe: ‘Eles já não têm vinho!’ Jesus respondeu: ‘Mulher, que existe entre nós? A minha hora ainda não chegou’. A Mãe de Jesus disse aos servidores: ‘Fazei tudo o que Ele vos disser’. Havia ali seis talhas de pedra de uns cem litros, cada uma, que serviam para os ritos de purificação dos judeus. Jesus disse aos servidores: ‘Enchei de água essas talhas’. Eles encheram as talhas até cima. Depois Jesus disse: ‘Agora tirai e levai ao chefe de mesa’. Então levaram ao chefe de mesa. Este provou a água transformada em vinho, sem saber de onde vinha. Os que serviam sabiam, pois foram eles que tiraram a água. Então o chefe de mesa chamou o noivo e disse: ‘Todos servem primeiro o vinho bom e, quando os convidados estão bêbedos, servem o pior. Tu, porém, guardaste o vinho bom até agora’” (Jo 2, 1-10).

Há algo de maravilhoso nesta passagem evangélica. Ele coloca Jesus no quadro familiar: ele está na festa com alguns dos discípulos; sua mãe também está presente, ela faz o que todas as mulheres judias fazem nesta situação: observa o que acontece e presta um serviço. Ao longo deste acontecimento, Maria dá somente um conselho, lembrado no Evangelho: “*Fazei tudo o que ele vos disser*”. Hoje, não vou falar sobre este ensinamento, desejo analisar com vocês a última frase deste texto:

“Todos servem primeiro o vinho bom e, quando os convidados estão bêbedos, servem o pior. Tu, porém, guardaste o vinho bom até agora” (Jo 2, 10).

No início deste mês, eu completei 61 anos. Isto pode parecer relativamente jovem para alguns, mas para outros descreve a condição de uma pessoa idosa. Eu garanto à vocês que para os estudantes da Universidade St John com que trabalho, eu sou velho. É normal envelhecer. Mas, o importante, é apreender a utilizar estes dons que vem com os anos: o tempo do bom vinho.

Hoje, não desejo fazer uma apologia sobre o envelhecimento, mas gostaria de falar sobre a necessidade de sempre servir o bom vinho. O ano que vem é o momento de servir o nosso melhor vinho, de crescer na proximidade com o Senhor para nos tornarmos cada vez mais comprometidos uns com os outros na Companhia. Quaisquer que sejam os dons, os talentos ou as virtudes que tenhamos guardado escondido, sem os partilhar, vamos colocá-los a serviço de nossas Irmãs e dos pobres.

Começamos por uma reflexão sobre o fato de mudar água em vinho, depois a generosidade no serviço, a obediência na realização dos atos que nos são pedidos e finalmente, sobre o fato de nos doarmos o melhor de nós mesmos.

1 – MUDAR ÁGUA EM VINHO

Mais de 70% da superfície terrestre é coberta por água. A chuva cai do céu e quando cavamos profundamente a terra, podemos encontrar água. Para alguns, a água é superabundante, para outros, ela é um bem muito raro e precioso. No entanto, ela é simples, não tem cor, nem sabor, e ainda assim é refrescante. O vinho também é uma bebida simples, mas sua produção necessita de um esforço maior. Inúmeras pessoas sabem apreciar os aromas e os sabores dos bons vinhos.

A passagem evangélica nos fala da mudança da água em vinho para que a celebração do casamento continue a ser uma festa.

Para nós, hoje, podemos comparar a água ao normal do nosso serviço e o vinho à maneira de torná-lo extraordinário, qualquer que seja o serviço.

Se a Companhia nos pede para acolher os peregrinos, os milhares de pessoas que fazem o caminho até a Capela, acolher pode parecer normal: um simples sorriso, uma palavra gentil, uma informação, tudo isso parece água ofertada sem cerimônia, mas sabemos que ela pode ser um bom vinho. Os peregrinos sentem-se bem se lhes damos atenção, se nosso sorriso é sincero, se nosso acolhimento vem do coração. Eles percebem esta atenção particular e para eles isto é o bom vinho.

Se a Companhia confiou-lhes o cuidado das Irmãs idosas ou doentes, deve ser fácil realizar este serviço de maneira profissional e eficaz, isto é, servir água. Mas, se o serviço for acompanhado de um buquê de ternura, a água se torna como um vinho saboroso e, ano após ano, tornando-se mais indulgente, ele é oferecido com maior abundância.

Se uma Irmã está sofrendo e precisa de ajuda, ela poderá aceitar o serviço que lhe é prestado com humildade e estoicismo sem reclamar, mas isto ainda se parece muito com água. O que fazer, então para a água tenha sabor de vinho? Facilitar a realização do serviço da Irmã que se disponibilizou a ajudar, ser um apoio alegre para ela, interessar-se por seu trabalho e de outras Irmãs, da Companhia, ser acolhedora e agradecer pelo amor manifestado, rezar em suas intenções e nas da Companhia. Que sabor tem o nosso vinho? O vinho deste ano foi o da melhor safra?

Se a Companhia nos pede para servir na administração, podemos olhar para este serviço como o ato de cavar um poço que fornece água. Mas, pode-se também vislumbrar este serviço como uma vinha a plantar, cuidar e zelar pelo seu crescimento. É um trabalho importante que torna o bom vinho possível. Paulo compreendeu muito bem isto:

“Quem é Apolo? Quem é Paulo? Apenas servidores, através dos quais fostes levados à fé; cada um deles agiu conforme os dons que o Senhor lhe concedeu. Eu plantei, Apolo regou, mas era Deus que fazia crescer. Assim, aquele que planta não é nada, e aquele que rega também não é nada: só Deus é que conta, pois é Ele quem faz crescer. Aquele que planta e aquele que rega são iguais; cada um vai receber o seu próprio salário, segundo a medida do seu trabalho. Nós trabalhamos juntos na obra de Deus, mas o campo e a construção de Deus, sois vós” (1 Co 3, 5-9).

Todos os esforços realizados para cumprir as diferentes tarefas podem mudar a água em vinho e expressar a presença do Cristo no mundo. Na celebração eucarística, o vinho se torna o sangue do Cristo.

Na passagem das bodas de Caná, o chefe da mesa não sabe de onde vem este bom vinho, mas os servidores sabem que ele vem de Cristo. O bom vinho que servimos é o fruto da presença de Jesus em nossos corações. Esta certeza nos faz progredir e santificar nosso dia.

2 - A GENEROSIDADE NO SERVIÇO

No ritual judeu, as jarras de água utilizadas (como descrito na passagem das bodas de Caná) estavam à disposição dos convidados para a sua purificação antes de entrar na festa propriamente dita. Eram seis jarras que continham cada uma, aproximadamente, cem litros. Jesus pediu aos serventes para enchê-las de água e, Ele transformou a água em vinho, - isto significa, entre 550 a 600 litros de vinho, ressaltando assim sua generosidade. Jesus não se contenta em fornecer ao casal algumas garrafas de vinho para resolver o problema, ele fornece vinho em abundância e um vinho de excelente qualidade.

Isto lembra a multiplicação dos pães e peixes onde Jesus oferece em abundância pães e peixes à multidão.

Somos também convidados a dar em abundância quando partilhamos nossos recursos; ofertemo-los com generosidade.

Existe uma maravilhosa história sobre Dorothy Day que sempre me falou muito forte. Ela é uma das personalidades do século XX que mais admiro na América. Compatriota nova-iorquina, ela foi uma grande serva dos pobres, uma artesã da paz, dotada de uma fé profunda.

“Um dia, um dos membros de sua comunidade veio vê-la e lhe disse que o dinheiro que tinham na caixa dava apenas para comprar o pão fresco para uma só refeição para os pobres, ou ‘pão amanhecido’ pelo valor de quatro refeições: ‘o que devemos fazer?’ A questão era clara e concreta. Qual foi a resposta de Dorothy? Ela disse para comprar o pão fresco porque os pobres sempre recebiam ‘pão amanhecido’, roupas usadas e outros tipos de esmolas. Eles mereciam receber o melhor tratamento que se pudesse oferecer”

Se fosse você, o que teria feito em seu lugar? Qual a sua opinião sobre esta decisão? Qual é a justa resposta? E amanhã, o que acontecerá?

Existe uma certa grandeza neste espírito de generosidade que não olha para as despesas. Lembremos do Evangelho que relata o episódio da mulher que lava os pés de Jesus e que derrama um vaso cheio de perfume sobre os seus pés (Lc 7, 37-38; cf. Jo 12, 3). É uma história de generosidade, Lembremo-nos da maneira como Jesus oferece ao jovem rico a oportunidade de segui-Lo: vender tudo o que ele possuía e dar o dinheiro aos pobres (Mt 19, 21). Jesus desafia o jovem a uma grande generosidade que o leva a uma profunda reflexão sobre o seu ser de discípulo. Lembremo-nos da maneira como Barnabé vendeu seus bens e colocou todo o dinheiro da venda aos pés dos discípulos para o serviço dos pobres (Atos 4, 36-37). Neste gesto, ele dá o testemunho e o exemplo de generosidade para a comunidade cristã. Nestes três casos, cada um percebe a oportunidade de dar seu melhor vinho, mas, um está em condições de responder ao convite com generosidade, outro não.

Nesta passagem das bodas de Caná, Jesus provê abundantemente as necessidades das pessoas que celebram o matrimônio. Oferece-lhes não somente um vinho em abundância, mas também de qualidade. Sua generosidade no serviço nos oferece um exemplo: dar em abundância agora o que temos e com a melhor qualidade possível.

3 - A OBEDIÊNCIA NO SERVIÇO

Como já mencionei, a passagem das bodas de Caná relata o único conselho dado diretamente por Maria, nos Evangelhos: *“Fazei tudo o que Ele vos disser”* Quando Jesus diz aos serventes para encher as jarras de água, eles obedecem e preenchem “até a borda”. Quando ele lhes diz para levar a bebida até o chefe da mesa, os serventes o fazem imediatamente. Existe algo de exemplar nestes serventes anônimos: eles escutaram Maria, que os orientou para Jesus e, escutaram a Jesus que lhes deu as instruções. Gosto também da exatidão da maneira como eles preencheram as jarras: *“até a borda”*. Estes servos não são mornos em sua maneira de prestar atenção às palavras de Jesus, eles levaram a sério as palavras de Jesus.

É possível encontrar uma lição sobre a obediência no pequeno detalhe desta história? Estamos prontos a fazer o que nos é pedido com rapidez, sem deixar nenhuma dúvida sobre nossa intenção? A obediência muito mais do que fazer algo que alguém nos manda fazer, ela implica comprometer-se de corpo e espírito.

A obediência resulta de uma escuta atenciosa da Palavra de Deus, do ensinamento da Igreja e das pessoas chamadas a governar. Quando escolhemos obedecer e fazer o que nos é pedido, esta obediência é o fruto de uma boa vontade pronta a doar-se por um objetivo ainda maior; reflete o desejo de colaborar em Comunidade em um projeto comum.

Durante este ano, a obediência pode se expressar no dom de nós mesmos para responder o que nos é pedido, sem reclamar nem fazer meia-medida. Queremos ouvir a diretiva de Maria - "Fazei o que Ele vos disser." - E a instrução de Jesus para uma tarefa ou uma atitude particular. Quando respondemos, faremos de uma maneira que preencha nossas jarras "até a borda".

4 - DAR O MELHOR DE NÓS

Quando eu estava no Seminário, participei de um grupo que chamava-se "o clube dos discursos". Era um grupo de seminarista que memorizavam discursos, poemas ou peças de teatro famosos e que entravam depois em competição com outras escolas onde produzíamos uma pequena peça e éramos classificados de acordo com as nossas performances. Eu estava particularmente seduzido por um poeta britânico chamado Robert Browning - sua esposa, Elizabeth Barrett Browning também era uma poetiza famosa. Eu decorei vários poemas de Browning e recitava-os como parte do meu repertório. Um destes poemas chamava-se "O rabino Ben Ezra". Era um poema sobre o fato de avançar na idade.

*Envelheça em minha companhia!
O melhor ainda está para vir
O resto da vida, para o qual o início foi feito.
Nossos dias estão em suas mãos
Ele que disse: "Eu previ muitas coisas,
A juventude mostra apenas a metade".
Confie em Deus, considere o tudo, não tenha medo!*

Isto parece ser um poema muito estranho para chamar a atenção de um garoto de quinze anos, mas eu o entendi como um alegre convite de clara intenção. Existe uma alegria para ser vivida e que permite aos anos que passam preparar alguém para o futuro que se abre diante dele. Shakespeare escreveu em *A Tempestade* "o passado é prólogo"¹. Tudo o que fiz até o presente me preparou para este instante. Não é o passado que deve ser revivido, mas o futuro que deve ser abraçado e desafiado.

Estamos sempre "guardando o melhor vinho para o fim". Este novo ano que começa é o único ano que tenho para utilizar tudo o que aprendi ao longo dos 60 anos precedentes. Espero que este seja o melhor ano do meu ministério - ou, ao menos, sei que ele pode ser porque estou em melhores condições do que antes para responder. Logo, esforçar-me-ei para que assim seja.

Por exemplo, é possível que nossas Irmãs idosas exerçam seu melhor serviço neste momento de sua vida. A paciência no sofrimento e a oração são obras para as quais, ao longo de suas vidas, elas foram preparadas. Após ter escutado a Palavra de Deus, recebido o Cristo na Eucaristia, aprendido da experiência vivida no serviço dos pobres, elas sabem o que é mais importante e como se apresentar diante do Senhor. Não deveria ser o mesmo para cada um de nós?

Talvez ajam como eu. Quando estou diante de uma situação difícil, faço de tudo para resolvê-la e quando todos os meus esforços se esgotam, eu digo: bom, agora, a única coisa que me resta fazer é rezar. Será que isto acontece também com você? Parece-me que a oração chega no final do processo, quando ela deveria, na verdade, chegar logo no início. Devemos começar todas as nossas atividades pela oração, continuar nossa oração durante o esforço e finalmente colocar todo o nosso trabalho nas mãos do Senhor. Tal é a sabedoria que deve vir com os anos.

A passagem do Evangelho oferece um esclarecimento judicioso do chefe da mesa. Ele diz: "Todos servem primeiro o vinho bom e, quando os convidados estão bêbedos, servem o pior. Tu, porém, guardaste o vinho bom até agora".

No serviço, como nas diversas atividades, é possível que comecemos com entusiasmo e esperança. Dando realmente o melhor de nós para realizar a tarefa que se apresenta e assumir nossas responsabilidades

na alegria e com ardor. Mas, depois de um certo tempo, o que nos foi pedido pode nos enfadar e aborrecer. Continuamos a realizar nossa tarefa, mas sem dinamismo, sem paixão. Começamos a servir um vinho de qualidade inferior porque acreditamos que as pessoas não prestam mais atenção ou não mais apreciam o que fazemos. Devemos sempre buscar o nosso melhor vinho e distribuí-lo. As pessoas que servimos o merecem e a aceitação da vida evangélica exige esta atitude. Não podemos traçar nosso caminho para o céu e ficar arrasando os pés na terra.

A verdade é que na perspectiva do Evangelho, posso hoje fazer mais do antes. Que este ano seja o ano em que realmente anunciarei o Senhor por minhas palavras e pela fidelidade do meu testemunho. Este ano servirei o meu melhor vinho!

CONCLUSÃO: “MINHA HORA AINDA NÃO CHEGOU”

A passagem das bodas de Caná, como todas as passagens do Evangelho está cheia de características e ideias que podem desafiar nossa imaginação e inspirar nossa reflexão. Na minha opinião, uma das frases que Jesus diz é particularmente interessante.

“Mulher, que existe entre nós? A minha hora ainda não chegou”.

Quando nós ouvimos esta frase, ela ressoa como se Jesus não estivesse pronto para agir diante das observações de Maria sobre a falta de vinho e, no entanto, ele realiza o primeiro milagre do seu ministério público no Evangelho de João. O que você pensa sobre isto?

A "hora" de Jesus é quando ele começa seu ministério público e revela o Projeto do Pai. Talvez Jesus não tenha refletido sobre o exato momento em que esta hora iria começar.

No entanto, ele escuta Maria. Ela não está dizendo-lhe o que fazer, indica-lhe simplesmente a realidade de uma necessidade humana. Talvez isto tenha ajudado Jesus a mudar sua decisão e começar seu ministério: em um ambiente familiar com uma simples necessidade e oportunidade de tornar mais fácil a vida de um casal que começa sua vida em comum.

Na verdade, o milagre que ele faz não é público, nem fonte de grande admiração. A passagem diz que o chefe da mesa não sabia a procedência do vinho: somente os servos que encheram as jarras, o sabiam. Jesus realiza este ato simples sem chamar a atenção. Sua 'hora' vem do humilde serviço.

Hoje, pode ser que pensemos em nossa "hora". Será que já chegou? Insisto dizendo que ela chega agora, para cada um de nós. Não temos outro momento para agir, nem para fazer planos. O ano que está começando está cheio de oportunidades e desafios. Todos temos dons que estão disponíveis para nós neste momento. Nossa hora é agora; este é o momento de servir o nosso melhor vinho. Todos nós conhecemos essa frase atribuída a São Vicente, quando alguém lhe perguntou o que mais poderia ter feito em seu ministério, ele simplesmente respondeu: "mais". Ouço esta frase como uma referência não simplesmente com mais trabalho, porém também a um engajamento mais profundo e a uma fidelidade renovada ao nosso chamado e ao nosso carisma. Este ano, o “melhor vinho” que tivermos guardado será distribuído e consumido.

Padre Patrick Griffin, cm
Diretor geral

Nota:

¹Shakespeare W., *A Tempestade*, edição Ridendo Castigar Moraes, Versão para eBookeBooksBrasil.org, Fonte Digitalwww.jahr.org

BEATIFICAÇÃO DOS MÁRTIRES DA ESPANHA **As mártires da Espanha** **VIDAS QUE TRANSFORMAM VIDAS...**

Introdução

Quando a Assembleia Episcopal espanhola apresentou seu Plano Pastoral trimestral em novembro de 2012, uma Comissão interprovincial de Irmãs elaborou para as Escolas das Filhas da Caridade da Espanha, um material educativo, pedagógico e pastoral para ser trabalhado no ano de 2013, com o tema: “*Defender e*

cuidar da vida” com o lema: Tudo pela vida! A Assembleia Episcopal tinha decidido encerrar o Ano da Fé com a celebração de uma grande festa da Fé que compreendia a beatificação de mais de 500 **mártires** do século XX. Entre eles, 27 Filhas da Caridade, uma leiga ‘Filha de Maria’ e 14 Padres da Congregação da Missão. Esta celebração em Tarragona, no domingo, 13 de outubro de 2013, seria uma ocasião para fortalecer a nossa fé.

Através de uma mensagem os bispos convidaram o povo de Deus a “*glorificar a Deus pela fé que venceu o mundo e que transpõe a escuridão da história e as faltas dos homens. Os mártires ‘venceram pelo sangue do Cordeiro e dão testemunho de sua palavra. Ultrapassando o amor a si-mesmo, eles foram até a morte. Com suas vidas e com suas mortes, eles deram glórias a Deus e se tornaram para todos nós, sinais do amor, do perdão e da paz. Os mártires, unindo seu sangue ao do Cristo, são uma profecia do redentor e de um futuro divino realmente melhor para cada pessoa e por toda a humanidade’*”.

Os mártires deram suas vidas por uma outra Vida. Desde as origens do cristianismo, *o sangue dos mártires é semente dos cristãos*. Tertuliano afirma isto com convicção após sua conversão ao cristianismo, ao ver a firmeza e a força dos mártires tais como São Justino, São Sebastião e tantos outros que abraçaram a fé, mesmo se tinham raízes no judaísmo ou no paganismo. Ao longo da história da Igreja, os mártires fortaleceram a fé cristã. No seguimento de Jesus ressuscitado, suas vidas foram transformadas, tomaram um novo sentido que foi selado com o seu sangue. Por isso, escolhemos como título deste artigo: “*vidas que transformam vidas*”.

Jesus transforma a vida de alguns pescadores e de muitas outras pessoas. Ele se revela como um artesão da vida: “*Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância*” (Jo 10, 10). Estes gestos e sinais em favor da vida são numerosos. Como Filho do Pai, ele é o autor da vida, como diz São João, em seu Evangelho: “*Nele havia a vida, e a vida era a luz dos homens*” (Jo 1,4).

Durante sua vida apostólica, Jesus escolheu homens simples, pescadores, para associá-los a sua missão e fez deles evangelizadores, “pescadores de homens”. Os evangelhos nos apresentam pessoas que encontraram Jesus e mudaram de vida: Pedro e os apóstolos, Zaqueu, Maria Madalena, o cego de Jericó, o centurião do Gólgota... durante séculos, inúmeras pessoas encontraram-se com Jesus e transformaram suas vidas de maneira radical... A morte de Jesus na cruz foi ocasião de conversão: o bom ladrão, o centurião romano encarregado de supervisionar a crucifixão que exclama: “*De fato este homem era justo!*” (Lc 23,47) ou “*De fato, este homem era mesmo o Filho de Deus!*” (Mc 15,39). Ele se torna uma testemunha da fé.

Algo semelhante acontece por ocasião do martírio de algumas de nossas Irmãs. O miliciano Marchen que assistiu à morte da Irmã Martina Vázquez confessou que este acontecimento o fez voltar para a fé que renegara há muitos anos. O perdão da Irmã Martina, sua maneira de rezar ao se preparar para o martírio, sua maneira de morrer confessando Jesus Cristo com coragem e firmeza, sensibiliza-o profundamente. Marchen foi designado pelo Comité Comunista para fuzilá-la; alguns daqueles que o acompanhavam foram beneficiados do socorro do restaurante da caridade que a Irmã Martina tinha organizado em Segorbe (Castellón). Quando ele era pequeno, a Irmã Martina o acolheu e cuidou dele no hospital e na escola de Segorbe, pois era órfão e estava sozinho no mundo... Quando ele desejou vedar os olhos da Irmã, ela respondeu que queria ver aqueles a quem perdoaria. Seu olhar de ternura e suas palavras antes do fuzilamento tocaram seu coração endurecido. No momento de sua conversão, Marchen o dirá publicamente.

O martírio de nossas Irmãs destaca a mensagem de amor que proclamaram por sua vida de caridade. Entre aqueles que fuzilaram as Irmãs, inúmeros tinham sido educados nas escolas primárias ou técnicas ou tinham sido beneficiados pelas refeições nas cantinas da caridade. No entanto, os pobres enganados e manipulados tiraram a vida das Irmãs. A convicção de São Vicente de Paulo se tornava uma realidade: “*Deveis pensar com frequência que a vossa ocupação principal e o que Deus vos pede particularmente é o grande cuidado em servir os pobres, que são os nossos senhores. Oh! Sim, minhas Irmãs, são os nossos senhores. É por essa razão que os deveis tratar com doçura e cordialidade, pensando que foi para isso que Deus vos instituiu e reuniu, e formou a vossa Companhia*” (Conf. de 14 de junho de 1643, Explicação do Regulamento, pág. 77).

Derramar o seu sangue por alguém é a maior prova de amor que se pode dar; é a prova que o amor é mais forte que a morte: “*Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos*” (Jo 15,13). O martírio consiste em derramar seu sangue pela fé e por amor a Jesus Cristo. Quando o amor a Deus é mais forte, ele ultrapassa o medo de morrer. Aqui está o segredo de seu martírio.

Em seu plano pastoral, a Conferência Episcopal da Espanha apresentou no Ano da fé, a beatificação das mártires do século XX na Espanha, à luz das palavras do Papa **Bento XVI**, na encíclica “*Porta Fidei*”: “*Pela fé, os mártires deram a sua vida para testemunhar a verdade do Evangelho que os transformara, tornando-os capazes de chegar até ao dom maior do amor com o perdão dos seus próprios perseguidores*” (nº13).

O martírio, ápice das bem-aventuranças

As bem-aventuranças nos indicam o caminho da verdadeira felicidade. No Sermão da Montanha, Jesus anuncia o prêmio da alegria do Reino: a pobreza de espírito, a paciência, o arrependimento dos pecados, a fome e a sede de justiça, a misericórdia, o desejo de Paz, a perseguição: “*Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos céus! Bem-aventurados sereis quando vos caluniarem, quando vos perseguirem e disserem falsamente todo o mal contra vós por causa de mim*” (Mt 5,10-11).

As Bem-aventuranças estão no centro do Evangelho, a “*Carta Magna*” do cristianismo “*o manifesto de Jesus*”. Através das bem-aventuranças, Jesus apresenta os valores e as atitudes essenciais da vida cristã: a pobreza, a doçura, a humildade, a pureza de coração, a misericórdia, a justiça, o desejo de paz, a força na perseguição. Jesus é o primeiro a vivê-las: ele é o homem pobre, de coração puro e misericordioso... É o primeiro “bem-aventurado” que nos oferece um código de felicidade baseado no amor que se entrega gratuitamente.

As bem-aventuranças expressam os valores do Reino anunciados por Jesus e mostram as exigentes condições do seguimento de Cristo. São um programa de vida que se impõe a todo cristão e a toda comunidade cristã. Elas são também uma mensagem de felicidade, mas não aquela que o mundo oferece. Durante sua vida, nossas Irmãs colocaram em prática estas bem-aventuranças no plano social, livremente fizeram a escolha pelos pobres em resposta ao apelo de Deus para continuar a missão de Jesus, viveram na pobreza, na humildade, o respeito e a caridade, elas consolaram os aflitos com um coração transbordante de compaixão e ternura.

Como Filhas da Caridade, tinham fome e sede de justiça... Irmã Adoración Cortés, Irmã Joaquina Rey e Irmã Josefa Martínez defenderam os direitos dos oprimidos diante dos chefes dos Comitês e dos Tribunais populares que as condenaram à morte.

Quanto à Irmã Josefa Martínez, foram prender sua irmã cujo marido fora fuzilado três meses antes, por ter acolhido em sua casa as Irmãs da cidade, para um tempo de adoração eucarística noturna. Irmã Josefa foi procurar o chefe para assumir o lugar de sua irmã que estava grávida. Ela lhe disse que não era justo prender sua irmã e querer matá-la, pois estava esperando um bebê. Seu pedido foi aceito, ela morreu no lugar da irmã salvando assim duas vidas: a de sua irmã e a do bebê. Antes de morrer, Irmã Josefa proclama sua fé em Jesus e perdoa os seus perseguidores.

Estas Filhas da Caridade esforçaram-se para restaurar a paz em meio a violência, respondendo com bondade e perdoadando os insultos, as calúnias, as afrontas e o despojamento de tudo o que possuíam. Seu último grito: “*Viva o Cristo Rei*” foi uma confissão de fé, elas proclamaram assim que somente Deus era o mestre de suas vidas. Antes de receber o último tiro, elas rezaram o Pai-Nosso. Para o mártir esta é a maneira de colocar suas vidas entre as mãos do Pai e de morrer perdoadando.

De acordo com o Concílio Vaticano II e o Catecismo da Igreja Católica (nº 2473): “*o martírio é o supremo testemunho dado em favor da verdade da fé... o mártir dá testemunho do Cristo morto e ressuscitado*”. Muitos santos não foram martirizados fisicamente de maneira violenta pela fé, mas viveram o martírio da caridade e da fidelidade ao Evangelho, diariamente. Assim, São Vicente de Paulo e Santa Luísa de Marillac, Margarida Naseau e muitas outras mártires da fé e da caridade viveram o carisma, ao longo da história, através de seu serviço dedicado, silencioso por Deus e pelos pobres. As Irmãs amaram a Deus e suas Irmãs de Comunidade de todo o coração; salvaram a vida de muitas crianças, de muitos doentes, mendigos e galeianos, prisioneiros e marginais; fundaram escolas e pequenos hospitais. Algumas foram chamadas a confessar Jesus durante as perseguições: “*Se me perseguiram, também vos hão de perseguir*” (Jo 15, 20).

Das bem-aventuranças ao martírio como oferta de amor.

De Leganés (Madrid), Colégio da Imaculada († 12.08.1936): Irmã M. Adoración Cortés, Irmã Severina Díaz-Pardo e Irmã Estefanía Saldaña. Do hospital psiquiátrico Santa Isabel: Irmã M. Dolores Barroso e Irmã M. Asunción Mayoral (*esta última estava aqui refugiada, mas viera do Abrigo dos cegos de Madrid*).

Do Hospital para tuberculosos em El Neveral de Jaén, Irmã Ramona Cao Fernández e Irmã Juana Pérez Abascal († 12.08.1936): *elas foram perseguidas e fuziladas no “trem da morte” no qual tiveram que subir quando chegaram a Madrid na de Vallecas.*

Do Abrigo de Santo Eugênio de Valência, Irmã M. Rosário Ciércoles, Irmã M. Luísa Bermúdez e Irmã Micaela Hernán († 18.08.1936) refugiadas em Puzol (Valença) na casa de um membro da família de

uma companheira; um padre Franciscano, refugiado com elas, celebrava a missa, esta foi a causa da morte de todos.

Da Casa de Misericórdia de Albacete, Irmã M. Dolores Caro, Irmã Andrea Calle e Irmã Concepción Pérez Giral († 3.09.1936): *expulsas pelas autoridades e ameaçadas de morte, elas se refugiaram em Madrid, na casa de um parente da Superiora. Três dentre elas buscaram ajuda na casa de outro membro da família em Vallecas, onde não foram acolhidas. Elas foram depois brutalmente martirizadas.*

Do Hospital e da Escola de Segorbe (Castellón), Irmã Martina Vázquez († 4.10.1936): *a comunidade tendo sido expulsa, as Irmãs se refugiaram na casa de uma antiga aluna. Quando os soldados vieram prendê-las a Irmã Martina, Superiora durante muito tempo pediu para que suas companheiras fossem poupadas, eles a escutaram. Ela foi a única martirizada.*

Do Hospital Geral de Valência, *a comunidade foi expulsa e destituída, Irmã Josefa Martínez Pérez refugiou-se em sua família em Alberique (Valência). Sua família foi perseguida, ela se ofereceu para morrer no lugar de sua Irmã que estava grávida e cujo marido fora fuzilado. Seu pedido foi aceito, ela morreu mártir da Fé e da Caridade († 15.10.1936).*

Da Casa de Beneficência de Valência *as Irmãs foram expulsas da Comunidade. Algumas se refugiaram na família de uma de suas companheiras. Nesta casa havia também dois padres refugiados. Todos os dias celebravam a Eucaristia clandestinamente. Esta foi a causa do martírio em Gilet (Valência) da Irmã Joaquina Rey e da Irmã Victoria Arregui († 29.10.1936).*

Da Maternidade Santa Cristiana de Madrid *foram martirizados Irmã Modesta Moro Briz e Irmã Pilar Isabel Sánchez Suárez. Elas tinham encontrado refúgio em uma pensão familiar no centro de Madrid, desejavam muito participar da Eucaristia no dia de Todos os Santos, porém ao saírem para a missa, foram presas e condenadas à morte por um tribunal popular († 31.10.1936).*

Dos Hospitais de Atocha e de Carabanchel em Madrid, Irmã Josefa Gironés Arteta e Irmã Lorenza Díaz Bolaños *foram perseguidas e fuziladas. Elas foram condenadas por causa de sua fidelidade à fé e à vocação, diante das propostas imorais dos perseguidores († 22.11.1936).*

Do Colégio do Carmo de Bétera (Valência), Irmã Josefa Laborra, Irmã Carmen Rodríguez Banazal, Irmã Estefanía Irisarri, Irmã Pilar Nalda, Irmã Isidora Izquierdo e Dolores Broseta (*Filha de Maria*) *foram assassinadas. A Comunidade foi duramente perseguida. As Irmãs se refugiaram em uma pensão em Valência. Dolores Broseta levava-lhes diariamente a refeição preparada pelas antigas alunas de Bétera. Com uma outra amiga, elas se revezavam para prestar este serviço. Um dia, uma delas foi seguida, pois os milicianos procuravam as Irmãs para fuzilá-las e foi o que aconteceu em um descampado († 9.12.1936).*

De Porto-Rico à Madrid, de Madrid para o céu: *Após ter sido missionária durante muito tempo em Porto Rico, Irmã Gaudência Benavides Herrero volta para a Espanha por motivos de saúde, pois sofria do coração. Identificada como religiosa, foi presa, e passou por três prisões diferentes, sofrendo maus-tratos em todas. Seu corpo ficou em chagas e não podendo receber os cuidados necessários, morreu testemunhando sua fé em Jesus Cristo e perdoando os seus perseguidores († 11.02.1937).*

O ápice da vida de Jesus Cristo foi a sua morte. Assim foi também o martírio de nossas Irmãs e o testemunho de fé das testemunhas que foram beatificados neste Ano da fé. João Paulo II falou sobre “incontáveis legiões” que seguiram o Rei crucificado, manifestando que “o amor é mais forte do que a morte”. Neles, a convicção de Bento XVI se torna uma realidade: “*Pela fé, os mártires deram a sua vida para testemunhar a verdade do Evangelho que os transformara, tornando-os capazes de chegar até ao dom maior do amor com o perdão dos seus próprios perseguidores*” (Porta Fidei n° 13).

Nós nos recomendamos a elas para que intercedam por nós, pois são exemplos de vida evangélica e de modelos de fidelidade ao carisma. Que elas nos ajudem a reacender nossa fé e a deixar a força das bem-aventuranças transformar nossa vida.

Irmã Maria Angeles INFANTE

BEATIFICAÇÃO DAS MÁRTIRES DA ESPANHA
A beatificação dos mártires da fé em Tarragona

Introdução

No domingo, 13 de outubro de 2013, por ocasião da celebração da beatificação dos mártires da Espanha em Tarragona estiveram reunidos aproximadamente 2.500 membros da Família Vicentina entre os quais quase 1.000 Irmãs da Espanha; Irmã Evelyne Franc, Superiora geral e seu Conselho; duas Irmãs de cada Província da Europa; 56 Lazaristas entre eles, o Superior geral e os Visitadores da Espanha e mais de 1.000 fiéis, membros das famílias dos mártires da Família Vicentina.

No sábado, 12 de outubro, a equipe de Filhas da Caridade para a preparação da liturgia fez memória do início da Companhia, na Espanha, quando em 1792 a Irmã Jeanne David, Assistente geral da Companhia e cinco Irmãs espanholas chegaram ao hospital São João Batista da cidade de Reus, local onde a Irmã Jeanne David, morreu dois anos mais tarde. Na época a Irmã Jeanne David tinha garantido uma sólida formação para o estabelecimento das Filhas da Caridade na Espanha. Nossas Irmãs mártires foram o fruto desta semente da caridade jogada na terra pela Irmã Jeanne em Réus de 1792 à 1794. A cerimônia de recordação aconteceu na Igreja do Priorado São Pedro de Reus, durante uma vigília de oração.

Depois, cinco Irmãs de cada Província participaram das vésperas na Catedral de Tarragona para rezar com a Igreja e representar a Companhia das Filhas da Caridade, *parte concernente nas causas e postulação dos beatos*.

Após a refeição, cada participante assistiu a uma belíssima representação do mártir São Frutuoso e seus companheiros, os diáconos Augúrio e Eulógio, primeiros mártires espanhóis, queimados vivos, no ano de 259 em Tarragona.

No dia seguinte, domingo 13 de outubro, a partir das sete horas, a luz do sol iluminava a esplanada do Centro educativo de Tarragona. Os primeiros peregrinos começaram a chegar: as saudações e cantos resoavam através da praça, os rostos radiantes dos membros das famílias dos mártires e das diversas famílias religiosas resplandeciam... Este acontecimento uniu a todos. Enquanto os participantes: autoridades, padres, famílias e peregrinos continuavam a chegar, escutavam-se cantos e hinos em honra aos mártires que estavam sendo beatificados naquele dia. Foram divulgados testemunhos de suas vidas e trechos da história do mártir, em preparação imediata à beatificação. Hoje, com toda a Igreja da Espanha damos graças a Deus e nos alegramos com a beatificação dos 42 mártires da Família Vicentina: 27 Filhas da Caridade, 11 Padres da Congregação da Missão, 3 Irmãos Lazaristas, uma filha de Maria (Dolores Broseta).

Com a participação do coro de meninos da escola de música da Abadia de Montserrat, a cerimônia da beatificação começa ao meio dia com uma videomensagem do Papa Francisco que se associa à celebração, via satélite. Em sua mensagem, ele nos convida a imitar os mártires porque *“é preciso sempre morrer um pouco para sairmos de nós mesmos, do nosso egoísmo, do nosso bem-estar, de nossa preguiça”*. Ele nos encorajou também a *“sermos cristãos concretos, cristão de obras e não de palavras, para não sermos cristãos medíocres, cristãos ‘envernizados’ de cristianismo, mas sem substância”*. O papa nos fez ver que *“os mártires não eram cristãos envernizados, mas foram testemunhas até o fim”*; ele terminou dizendo: *“Sejam artistas de fraternidade e solidariedade”*.

Uma celebração de fé com uma multidão de peregrinos

Na presença de mais de 20.000 peregrinos entre os quais: 105 bispos, 1.386 padres, 2.720 religiosos e 4.000 membros das famílias dos mártires, o Cardeal Ângelo Amato (Prefeito da Congregação para causa dos Santos) presidiu a solene Eucaristia de beatificação dos 522 mártires, testemunhas da fé, que foram sacrificados unicamente porque eram discípulos de Jesus Cristo. Foram mortos no contexto da desordem e da violência da guerra civil, durante aqueles anos de sofrimento para todos os espanhóis, no entanto, a causa destas mortes foi unicamente a perseguição religiosa, contra a Igreja.

Entre os momentos mais emocionantes da celebração, podemos destacar :

- no início da Eucaristia, a solene procissão das urnas, contento as relíquias dos mártires e as palmas, símbolo do martírio;

- a leitura da Carta Apostólica que proclamava “Bem-aventurados” estas 522 testemunhas de Fé e a apresentação das suas imagens respectivas;

- a entrega da Carta Apostólica, feita por sua Eminência, o Cardeal Amato, a cada postulador: ato eclesial, solene e cheio de sentido. O Cardeal se mostra muito acolhedor com cada um dos postuladores.

Durante a homilia, o Cardeal lembrou que o perdão é a “essência do cristianismo” e que nada justifica uma *‘guerra fratricida, nem a morte do próximo’*. Ele destaca que os 522 beatificados não foram vítimas da guerra civil, mas mártires *“de uma radical perseguição religiosa, que tinha como objetivo o extermínio programado da Igreja”*. Ele descreveu o período entre 1930-1940 como um período sinistro do ódio anticatólico.

co: “*Vossa nobre nação esteve envolvida na névoa diabólica de uma ideologia, que aniquilou milhares e milhares de cidadãos pacíficos, incendiando Igrejas e símbolos religiosos, fechando conventos e escolas católicas, destruindo uma parte de vosso precioso patrimônio artístico... A Igreja não quis e não quer esquecer estes seus filhos valentes e os honra com o culto público, porque a Igreja, casa do perdão, não vai atrás dos culpados*”.

O Cardeal lembrou que foi em Tarragona que os primeiros mártires espanhóis foram queimados vivos no ano de 259: o Bispo Frutuoso e seus diáconos Augúrio e Eulógio. Hoje, com a beatificação destes 522 mártires a Espanha conta com 1.523 mártires que já foram beatificados desde o século XX, dentre os quais onze já foram canonizados.

A média de idade destes mártires beatificados é cerca de 44 anos (130 tinham completado 30 anos no momento de sua morte), o mais jovem era um religioso carmelita que tinha 18 anos; a mais velha, uma religiosa Serva de Maria, com 86 anos. São contados 88 padres diocesanos, dentre os quais três bispos e, mais de 400 religiosos e religiosas de todas as congregações, incluindo quase vinte monges beneditinos de Montserrat e 7 leigos; 515 mártires são espanhóis e 7 estrangeiros (3 franceses, 1 cubano, 1 colombiano, 1 filipino e 1 português).

Entre as autoridades que participavam da cerimônia, estava o Presidente da Generalidade da Catalunha: Artur Mas, o Ministro do Interior e da Justiça, o presidente da Câmara dos Deputados e a representante do Governo da Catalunha, os prefeitos e vereadores das cidades e aldeias onde os mártires nasceram.

Mais de 400 jornalistas estiveram presentes para colher informações e retransmitir a cerimônia que foi acompanhada por mais de 20.000 pessoas. Na praça foi colocado um grande altar, dois grandes telões, uma urna com as relíquias dos primeiros mártires espanhóis e dos mártires do século XX, uma imagem de Nossa Senhora de Montserrat, padroeira da Catalunha.

A celebração aconteceu num clima de fé e de oração silenciosa. Nossas orações de louvor, ação de graças e de súplica subiram a Deus como incenso em sua presença. Juntos, continuamos pedindo a intercessão dos mártires para fortalecer a fé dos católicos da Espanha e do mundo inteiro.

Uma celebração com uma mensagem muito importante

Esta beatificação destaca a grandeza e a beleza do mártir cristão. O Catecismo da Igreja Católica (nº 2473) define o martírio como “*o supremo testemunho dado em favor da verdade da fé*”. A Constituição *Lumen Gentium* afirma que “*o martírio... é considerado pela Igreja como um dom insigne e prova suprema de amor*” (L.G.nº 42). Ele é a excelência da fé. Os mártires cristãos são um tesouro inestimável para a Igreja, eles são a palma e a coroa da vida cristã, imitando fielmente o Cristo. Eles são a esperança de uma Igreja e de uma humanidade melhor, testemunhando valores mais altos da dignidade da pessoa humana. Os mártires nos mostram uma fé resplandecente, comprometida, apostólica, concreta, sem verniz e sem mediocridade. Foi isto que o Papa nos pediu em sua videomensagem transmitida via satélite. Uma vez que se projeta na ação sob o impulso do amor, uma fé que é fecundada e que cresce pelo sangue dos mártires; pelo testemunho dos mártires (sem derramamento de sangue) de fidelidade quotidiana ao Evangelho através do dom generoso da caridade.

O Cardeal Amato foi ainda mais claro em duas outras mensagens através das quais ele afirmou que “*perdão e conversão*” são os dons que os mártires nos fazem. O perdão oferece a paz aos corações e a conversão instaura a fraternidade. Ele destacou também que os mártires são glorificados porque eles são: “*as testemunhas heroicas do Evangelho da Caridade, porque eles merecem nossa admiração e suscitam o desejo de imitá-los*”. Como a Igreja é e deve sempre ser a casa do perdão, dado e recebido, o martírio é uma escola e uma fonte de perdão, foi o que afirmou o Arcebispo de Tarragona na oração das Vésperas do dia 12 de outubro: “*Deus repousa o seu olhar de compaixão sobre todos, tanto sobre os algozes como sobre os que foram mortos. O último olhar dos mártires foi um olhar de perdão. Que este seja também o nosso olhar*”.

O martírio é uma escola e uma fonte de comunhão. Os primeiros cristãos o vivenciaram assim; nós o experimentamos à nossa maneira em Tarragona, através de mil e um gestos que suscitam o bom entendimento e a fraternidade na Igreja e com a sociedade civil.

Irmã Maria Angeles Infante
Filha da Caridade

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Província das Filipinas
O centro do arquipélago das Filipinas
após a passagem do tufão “Haiyan/Yolanda”

INTRODUÇÃO

O arquipélago das Filipinas é composto por mais de sete mil Ilhas, com 93 milhões de habitantes e 70 dialetos diferentes. É o único país católico da Ásia do Sul; as Filipinas estão entre os países mais populosos do mundo; têm um povo muito acolhedor e generoso, que sabe suportar o sofrimento e valorizá-lo, graças às suas raízes cristãs.

O TUFÃO “YOLANDA”

Em 8 de novembro de 2013, o tufão “Haiyan/Yolanda”, o mais devastador de todos os que já atingiram o arquipélago, deixou literalmente os filipinos em ruínas, causando milhares de mortes. A Visitadora e a Assistente provincial nos informaram que as Irmãs saíram em socorro às vítimas desta catástrofe natural, “como se corre para apagar um incêndio”.

Desde que o tufão “Yolanda” começou a sua devastação, nós, Filhas da Caridade das Filipinas entramos em contato com a Central Nacional do Departamento de Assistência Social e Desenvolvimento - DSWD, para saber como poderíamos participar do socorro às vítimas. Eles nos enviaram para a **Ilha de Leyte** para coordenar os socorros com as autoridades locais de **Tacloban**. No entanto, *era impossível chegar à Ilha*, pois o aeroporto também tinha sido destruído e as estradas estavam intransitáveis e, enquanto isto os dias estavam passando.

A Ilha de Cebu

Antes de receber notícias de nossas Irmãs de **Bogo** e de **Daanbantayan**, duas outras regiões gravemente atingidas na Ilha de Cebu, o Conselho provincial decidiu enviar as primeiras Irmãs voluntárias. Depois, mais de vinte Irmãs e quatro colaboradores leigos se revezavam para reforçar a ação das Filhas da Caridade e coordenar a distribuição das doações feitas pelas Organizações Não Governamentais - ONGs.

Agora, em **Bogo** e em **Daanbantayan**, a Secretaria Nacional de Ação Social - que coordena a ação da Igreja Católica nas Filipinas - NASSA e a associação HABITAT oferecem materiais para a construção dos abrigos; as Irmãs e os colaboradores leigos têm a responsabilidade de controlar as construções das casas.

Em Manila

No dia 15 de novembro de 2013 um programa de televisão apresentou a difícil situação das pessoas que foram retiradas da Ilha de Leyte e levadas para Manila onde, sem familiares na cidade, não conseguiram encontrar alojamento. Imediatamente, ligamos para o Departamento de Ação Social e para o diretor da região de **Manila** informando-lhes que o nosso **Albergue São José** abria as portas às pessoas desabrigadas. Mais de cem pessoas ficaram abrigadas em um setor do Albergue. Esta foi para nós, uma ocasião para ajudar as vítimas de Tacloban, local que tínhamos sido enviadas, porém nunca chegamos a ir, pois, tanto o acesso terrestre como aéreo estavam bloqueados, na estrada havia árvores e postes elétricos caídos por terra e, os aviões estavam sendo utilizados somente para a retirada das vítimas e para o transporte de ajuda. Além do mais, havia muitos corpos de vítimas espalhados por toda a cidade. Alguns dias mais tarde, abrimos também as portas do **Abrigo São Vicente de Paulo**. As Irmãs da Casa-Provincial e os colaboradores leigos originários de Manila se apresentaram como voluntários para acolher e reconfortar as vítimas que chegavam da Ilha de Leyte e de Samar, para ajudá-las a encontrar um alojamento.

A Ilha de Panay

Após o apelo do diretor diocesano da Ação Social que nos pediu para avaliar a situação e coordenar a distribuição de doações, enviamos no dia 16 de novembro um grupo composto por quatro Irmãs e oito colaboradores leigos às cidades de **Concepción** e de **San Dionisio**, que ficam ao norte de Liloilo e que foram totalmente devastadas.

Dois dias mais tarde, três outras Irmãs partiram para as cidades devastadas da **província de Capiz**. Na cidade de **Roxas**, as Irmãs do Hospital Santo Antônio visitaram mais de 70 casas de funcionários que foram danificadas pelo tufão.

Por ocasião do feriado de Natal, seis Irmãs partiram para **Lloilo** para organizar o socorro às vítimas, ao mesmo tempo em que supervisionavam a construção dos primeiros barcos de pesca. Na verdade, as Irmãs tinham feito dois projetos para as Fundações de apoio, sendo um para a construção de barcos, e outro para a reforma das casas. Estes projetos foram aceitos e um engenheiro foi enviado para começar as negociações e comprar o material necessário. O papel das Filhas da Caridade era de organizar as doações, acompanhar de perto a construção dos barcos e das casas, oferecer uma formação moral e espiritual às pessoas. Continuamos a enviar voluntários durante este período de reconstrução que está em curso.

A Ilha de Samar

No dia 25 de novembro um novo grupo de voluntários foi enviado para a **província de Samar, em Basesy**. Nesta diocese, as Filhas da Caridade já haviam fundado as CEBs (Comunidades eclesiais de base), os habitantes, muito felizes em rever as Irmãs, as acolheram de braços abertos e cooperaram plenamente com a avaliação da situação e organização do socorro. Após terem sido hospedadas por alguns dias na casa de um membro de uma das CEBs, uma creche em **Cambayen** foi oferecida às Irmãs como lugar de hospedagem e assim puderam continuar a colaborar com os membros de várias ONGs. As pessoas tinham confiança nas Irmãs porque elas forneciam dados concretos sobre as famílias, vítimas do tufão, muitos dentre elas confiavam-lhes dinheiro para comprar material agrícola e sementes, barcos de pesca e material para construir os abrigos. Pensamos em permanecer três meses neste local, tempo previsto para a reestruturação.

A Ilha de Leyte

Após o apelo dos Claretianos para trabalhar com eles na Ilha de Leyte, um grupo de nove Irmãs voluntárias partiu para **Tolosa**, entre os dias 3 e 15 de dezembro para acompanhar as vítimas do tufão e cuidar das crianças nas escolas a céu aberto. Depois, elas foram para **Tanauan** para avaliar a situação e organizar a distribuição das doações. Muitos sobreviventes esperam encontrar os membros de suas famílias considerados como desaparecidos; o restabelecimento da cidade se faz lentamente. No entanto, a maioria dos moradores deseja reconstruir sua vida com determinação e admiramos sua maneira de administrar o luto e a coragem para continuar a caminhada.

Conclusão

Este tufão catastrófico se produziu no momento em que estávamos vivendo nossa Assembleia doméstica, discutindo sobre a “*audácia da caridade para um novo elã missionário*”. Neste momento, vivemos efetivamente o tema da nossa Assembleia em meio às dificuldades e o cansaço. Isto é audácia da caridade. Quando pressionamos os “ricos” e as ONGs para obter uma ajuda material para as necessidades dos sobreviventes isto supõe audácia. Quando devemos trabalhar até tarde da noite para terminar de preencher os formulários de avaliação da situação e organização das doações ou ainda para preparar projetos de pedidos de financiamento da parte das Fundações, isto é audácia.

É doloroso escutar os terríveis relatos sobre a maneira como este tufão destruiu famílias e casas. Podemos sentir a imensa dor do luto e do desespero. Não temos palavras para descrever o sofrimento das pessoas que sobreviveram.

Esta catástrofe, aparentemente, privou as pessoas do seu futuro, mas, ainda assim, elas manifestam uma incrível determinação que transcende seu trauma e inspira-lhes simplesmente, retomar o curso de suas vidas. Eles têm necessidade de ajuda imediata: alimentação; água; mosquiteiros; material escolar para as crianças; saneamento básico; casas. Eles querem que seus filhos possam viver em um lugar seguro e aproveitar de sua infância. Desejam trabalhar para poder custear suas necessidades básicas.

Nossas forças vêm da fé e da atitude edificante deste povo. Com o coração cheio de gratidão, agradecemos pela ajuda recebida do Conselho geral e das Províncias no momento em que fomos atingidas pela catástrofe. Contamos com a oração de todos.

Irmãs E. FERRIOLS e M. S. EVIDENTE
Filhas da Caridade

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Província de Moçambique

Filhas da Caridade
a serviço dos doentes com AIDS

A AIDS EM MOÇAMBIQUE

A África subsariana é a região mais atingida pelo vírus da Aids com mais de 22 milhões de pessoas soropositivas.

Em Moçambique há quarenta anos as Filhas da Caridade estão presentes em Chalukuane e em Chokwé. Quando Irmã Madalena, italiana, chegou nesta terra em 1970, conheceu a colonização portuguesa, depois presenciou o comunismo a partir da Independência em 1975, seguida da queda da ditadura em Portugal com a Revolução dos Cravos. Foi a ilusão do socialismo científico com a abertura aos cooperadores norte-coreanos, cubanos e alemães do leste que organizaram o sistema de saúde e a polícia.

Em duas cidades com aproximadamente 20 quilômetros de distância, seis Filhas da Caridade, entre as quais três Irmãs jovens moçambicanas, mantêm dois hospitais, um em Chalukuane, e outro em Chokwé. O objetivo destes centros de saúde não é somente cuidar da saúde, mas também oferecer a esperança. As mulheres são discriminadas, geralmente, elas não têm direito nem à saúde nem ao estudo. As Irmãs se esforçam para apoiá-las e ajudá-las a assumir suas próprias responsabilidades; também ajudam as jovens em seus estudos em Chokwé ou Maputo.

Em Chalukuane, no ano de 1990, o dispensário foi incendiado pela guerrilha que avançava, antes, porém, deste fato foi preciso evacuar os pacientes e a equipe de enfermeiros para a sacristia da Igreja de Chilebene, onde permaneceram durante dois anos, aguardando os acordos de paz. Depois, as estatísticas internacionais revelaram que o vírus da Aids tinha se espalhado entre quase todos os habitantes da região, a cada duas pessoas uma era portadora do vírus. Há 10 anos a Comunidade Santo Egídio decidiu apoiar os esforços das Filhas da Caridade e organizou um programa para fornecer os medicamentos necessários para o combate da doença e permitir aos doentes viverem normalmente. Em apenas três semanas já foi possível ver a melhora dos pacientes. Estes medicamentos permitem, por exemplo, que uma mulher estando grávida não transmita o vírus HIV para o feto.

Atualmente, Chalukuane tem 23.000 habitantes dentre os quais mais de 600 crianças órfãs por causa do vírus HIV. Os pacientes com AIDS são tratados no hospital das Filhas da Caridade. Atualmente, três mil pacientes com AIDS são beneficiados pelo tratamento. Neste hospital, três Filhas da Caridade estão a serviço dos doentes, uma delas é médica, outra enfermeira e a terceira é responsável pela arrecadação de fundos. O combate contra a doença é, sobretudo, um trabalho com as mulheres, pois elas estão mais expostas à doença do que os homens. As Irmãs se esforçam para esclarecê-las sobre o valor da vida. Os habitantes desta cidade possuem um sentimento religioso muito forte, um sentido de transcendência bastante desenvolvido, porém, são muito apegados aos seus costumes e prisioneiros de tradições que os prendem ao sofrimento. As Irmãs e os cinco ou seis médicos devem lutar contra os 700 curandeiros que reinam na região. Os curandeiros dizem que as doenças não existem e que são consequências de feitiços lançados nas pessoas. Assim, eles se aproveitam da Aids para fortalecer seu poder sobre a população de Chalukuane.

Chokwé tem um aspecto de subprefeitura com pequenas casas construídas pelos colonizadores portugueses em 1950. Em 1999, o antigo Convento dos Carmelitas foi transformado em um asilo e logo depois em um centro de saúde. Onde ficava o claustro, 110 camas estão ocupadas com pacientes que na sua grande maioria sofre também com a tuberculose, pois a tuberculose é uma das mais frequentes doenças associadas ao vírus da AIDS. Ao lado do pátio do convento, encontra-se agora um internato onde vivem 20 crianças doentes, abandonadas e órfãs. Uma Irmã cuida para que as crianças tenham regularmente os seus medicamentos, e o acompanhamento escolar, além de atividades recreativas e de estudos. Todos os dias, os corredores do centro de saúde estão cheios de pacientes. Eles chegam a pé ou em carros lotados; diariamente são aproximadamente 1000 pacientes que, após passarem a noite sem dormir, aguardam sua vez para receber seus medicamentos para o mês ou para fazerem os exames de sangue anuais ou semestrais e, outros novos porque foram contaminados pela doença.

No convento de Chokwé mais de seis mil pacientes por mês vêm fazer o tratamento antirretroviral

Há 20 anos, em Chokwé e em Chalukuane, as Filhas da Caridade estão lutando para reduzir o número de óbitos dos pacientes. Com elas, mulheres lutam para permanecerem vivas, serem amadas e terem seus direitos respeitados. A chegada dos medicamentos contra a AIDS deu-lhes mais esperança, mas isto não exclui a obrigação de continuar a lutar por comida, que muitas vezes é insuficiente. Os medicamentos também não os libertam de sua dependência em relação aos homens, que, muitas vezes, não as consideram como seres em igualdade e não lhes deixam escolhas para viver.

Extraído da Revista ‘Hors Série – La Croix’ – “Toda energia do mundo”

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Semana de formação a Roma Para as pessoas que participam do Programa DREAM

A palavra DREAM é uma sigla em inglês de um projeto que significa: “Promoção de Recursos contra a Droga, a AIDS e a Desnutrição” (Drug Enhancement against AIDS and Malnutrition).

Em dezembro de 2013, a Comunidade de Santo Egídio, a Equipe Internacional do DREAM e as Filhas da Caridade organizaram uma semana de formação em Roma para as Irmãs e funcionários que trabalham no programa DREAM na África.

As Filhas da Caridade participam do programa DREAM em seis países da África: Moçambique, Congo, Nigéria, Camarões, Tanzânia e Quênia. Em alguns países, existem mais de um Centro DREAM onde são atendidas mais de 10.000 pessoas soropositivas. Cada Centro DREAM oferece múltiplos serviços de atendimento. Tudo isto exige que os funcionários locais de cada centro sejam bem formados e, portanto, competentes.

Desde 2005, a Comunidade de Santo Egídio (Comunidade Católica leiga, fundada em Roma) e as Filhas da Caridade trabalham em colaboração em seis países, para instalar e fornecer tratamento de ponta às pessoas soropositivas, sobretudo, as mais pobres e marginalizadas. A importante contribuição destas duas Comunidades consiste em formar as Irmãs e funcionários no local, segundo as exigências do DREAM.

Este curso de formação aconteceu em dezembro de 2013 em Roma, no Instituto San Gallicano onde fica localizada a sede e o escritório internacional do DREAM (San Gallicano é um instituto que possui uma grande rede de comunicação e de apoio que se estende aos países da África onde a Comunidade está presente de uma maneira ativa e permanente). Esta formação abordou os inúmeros desafios concernentes ao futuro do tratamento dos aids, os melhores protocolos para prevenir, de maneira mais eficaz, a transmissão da doença da mãe para o filho, a necessidade de uma abrigar mais tempo os doentes, para que reajam bem ao tratamento.

Durante esta formação, para permitir um melhor acompanhamento dos pacientes, estudamos assuntos, relativos:

- à organização das unidades de saúde e dos laboratórios
- á utilização da telemedicina,
- à prevenção das doenças cardiovasculares e do câncer;
- aos aspectos práticos como a utilização dos sistemas de energia solar nos centros situados em áreas rurais ou a utilização dos programas de informática para a gestão dos doentes

Andrea Riccardi, fundador da Comunidade Santo Egídio acolheu os delegados dos diferentes países e destacou o quanto a África necessita de alianças, em nome dos pobres, para levar a paz e a esperança ao continente. Durante este curso de formação, visitamos alguns serviços da Comunidade Santo Egídio nos arredores de Roma: distribuição da sopa popular, casa para os doentes, lar da pessoa idosa, exposição artística dos Amigos.

O Padre Robert Maloney, coordenador do programa de colaboração DREAM, fez uma conferência estimulante sobre o papel, o carácter e os carismas das Comunidades e das iniciativas confessionais.

No último dia do encontro, Irmã Evelyne Franc, Superiora geral dirigiu-se aos membros do grupo para encorajá-los em seu serviço permanente aos outros e aos doentes; expressou sua estima e seu reconhecimento por todas as pessoas que garantem um programa de excelência às pessoas carentes.

Cada um dos seis países da África enviou para este curso de formação, quatro membros do seu quadro de funcionários. Além destes contamos com a presença dos membros da equipe de coordenação; do IPS (Serviço dos Projetos Internacionais) que ajuda na arrecadação de fundos para o DREAM; das Irmãs do Conselho geral das Filhas da Caridade. Foi um momento de encontro de culturas e línguas diferentes com ricas e dinâmicas partilhas entre os participantes e os vários profissionais do DREAM.

Os participantes ficaram hospedados na casa das Filhas da Caridade, na Via Ezio, em Roma e, todos os dias seguiam para San Gallicano a pé ou de ônibus, possibilitando assim a todos os que vieram pela primeira vez à Roma a descobrir a cidade e especialmente o Vaticano. As Irmãs da Via Ezio através de contatos conseguiram obter ingressos que davam acesso ao Vaticano para assistir à audiência geral do Papa Francisco.

Durante o final de semana, todos os participantes tiveram a oportunidade de conhecer um pouco Roma, comprar alguma coisa e de uma maneira geral, se distrair um pouco e aproveitar desta maravilhosa experiência.

Relações foram estabelecidas entre os diferentes centros DREAM, Santo Egídio e as Filhas da Caridade. Esta formação foi uma fonte de dinamismo para cada participante.

Uma participante

FONTES E ATUALIDADES

São Vicente, estudante e professor ou a escola hoje, segundo São Vicente.

Introdução

É evidente que os tempos mudaram, desde o início do século XVII na França e especialmente no que se refere à escola e ao ensino.

Estima-se que nos primeiros anos do século XVII, $\frac{3}{4}$ da população masculina e $\frac{9}{10}$ da população feminina eram totalmente analfabetos. De acordo com a estação do ano, os rapazes trabalhavam no campo, as jovens eram responsáveis pelos trabalhos domésticos; para estes tipos de trabalho, nem um, nem outro tinha necessidade de frequentar a escola.

A região norte da França era mais favorecida que o sul e em geral, as cidades estavam mais desenvolvidas que nos campos. Porém, ao longo do século XVII, uma extraordinária corrente foi lançada pelos padres, sobretudo pelos Bispos, e as escolas das aldeias se multiplicaram. Todavia, os resultados foram lentos e bastantes relativos devidos, por um lado, ao modesto nível dos professores da escola, e por outro, pela irregular frequência escolar. No entanto, quando comparamos os registros entre o início e o fim do século, constata-se um aumento significativo do número daqueles que sabiam assinar seu nome.

Observemos que foi a Igreja que lançou o movimento e, São Vicente participa ativamente nele. Evidentemente que o objetivo da Igreja era a Evangelização. Não poderíamos recriminá-lo. Diante da ameaça e do progresso do protestantismo, a Igreja pensou que seria conveniente colocar um maior número de cristãos em condições de ler, de compreender e de observar o catecismo atualizado pelo Concílio de Trento. Portanto, foram abertas escolas nos vilarejos e organizadas para o ensino da escrita e da leitura em vista do catecismo. Esta ótica catequética se encontrava nos projetos e conselhos que São Vicente dispensava às pequenas escolas em que as Filhas da Caridade estavam engajadas.

Em linhas gerais, esta era a situação escolar da França no tempo de São Vicente. Ao longo do nosso estudo será interessante nos lembrarmos destas breves observações, pois São Vicente, naturalmente a assimi-

lou e compreendeu considerando os eventos do seu tempo. Em relação aos seus contemporâneos, ele foi um dos que mais profundamente se encarnou na realidade de seu tempo por temperamento e espiritualidade.

Vicente de Paulo não era um teórico de gabinete. É verdade que ele era muito inteligente e culto para a sua época, mas era antes de tudo, um homem prático, um homem comprometido, um homem para quem as melhores doutrinas e as maiores ideias só tinham o seu valor se pudessem ser traduzidas concretamente na vida. Acredito que sob este ponto de vista o Padre Vicente poderia ser ainda muito útil para a nossa Educação Nacional.

Eu não resisto ao prazer de reler com todas, esta passagem conhecida e que sempre me esforço em colocar no início das sessões, pois, na minha opinião, é uma das grandes chaves do conhecimento e do estudo de São Vicente. Esta passagem ilustra bem, assim me parece, tudo o que acabei de expressar sobre o temperamento e a espiritualidade de São Vicente em matéria de ensino como em outros assuntos.

“Amemos a Deus, meus irmãos, amemos a Deus, mas que seja com a força de nossos braços e o suor de nosso rosto. Porque, muitas vezes os atos de amor a Deus, de complacência, de benevolência e outros semelhantes afetos e práticas interiores de um coração terno, ainda que muito bons e desejáveis, tornam-se suspeitos, quando não se chega à prática do amor efetivo. “Nisto, diz Nosso Senhor, meu Pai será glorificado, pois produzireis muitos frutos. É aqui que devemos ser bastante cuidadosos; pois há muitos que, para ter o exterior bem composto e o interior repleto de grandes sentimentos de Deus, detêm-se a isto; e quando se encontram numa ocasião para agir, nada fazem. Deleitam-se de sua imaginação, contentam-se com suaves colóquios que têm com Deus durante a oração, falam mesmo como anjos; mas ao sair dali, quando vem o momento de trabalhar por Deus, de sofrer, de mortificar-se, de instruir os pobres, de ir buscar a ovelha perdida, de aceitar quando algo lhes falta, de aceitar as doenças ou qualquer outro infortúnio, infelizmente, não há mais ninguém, falta-lhes coragem. Não, não nos enganemos. 'Totum opus nostrum in operatione consistit', isto é: 'Toda a nossa obra consiste na ação.

E isto é tão verdade que o santo Apóstolo nos diz que somente nossas obras nos acompanharão na outra vida”. Reflitamos, portanto, sobre isso, ainda mais neste século. Existem muitos que parecem virtuosos e que na verdade o são, ou que pelo menos têm uma inclinação para uma vida tranquila e leve, ao invés de uma devoção laboriosa e sólida. A Igreja é comparada a uma grande messe que requer operários, mas, operários que trabalhem. Nada está mais de acordo com o Evangelho do que reunir, de um lado, luzes e forças para a alma na oração, na leitura, no silêncio, e depois transmitir aos homens este alimento espiritual. É fazer o mesmo que Nosso Senhor fez, e depois dele, os apóstolos; é unir-se ao ofício de Marta e o de Maria, é imitar a pomba, que digere a metade do alimento que consegue e depois coloca o restante, através do seu bico, no dos seus filhotes para alimentá-los. Eis como devemos agir, como devemos testemunhar a Deus, através de nossas obras, que O amamos” (Coste XI, 40-41).

Não devemos esperar encontrar em São Vicente, em suas palavras ou escritos, qualquer tipo de doutrina sobre a escola ou sobre o ensino. No entanto, em sua experiência, em suas orientações práticas, em suas respostas aos problemas e às situações das crianças, foi possível encontrar algumas grandes linhas e princípios que ainda hoje, conservam todo o seu valor e que especificam bem o particular espírito que deve animar-nos na função de docentes.

Hoje, falaremos especialmente sobre a experiência pessoal de Vicente de Paulo em matéria de educação e sobre suas conclusões sobre o assunto. Amanhã, discutiremos mais detalhadamente o tema da educação na vocação da Filha da Caridade.

1. A EXPERIÊNCIA DO PADRE VICENTE

A primeira parte desta conferência é especialmente importante. Na verdade, Vicente de Paulo foi um homem de experiência. Talvez, este seja o traço de seu caráter que se revela mais claramente ao longo de sua vida. Ele teve o dom de estudar, de refletir e de explorar a fundo o que tinha vivenciado: o acontecimento de Gannes-Folleville, o de Châtillon, e também outros encontros tais como com São Francisco de Sales, com Luísa de Marillac, com Margarida Naseau, ou ainda, durante a visita a uma prisão ou em um hospital. Nas

suas conferências ou cartas, vemos com frequência o Padre Vicente refletindo sobre um acontecimento e tirando lições para o seu agir.

No que se refere ao ensino, parece evidente que o Padre Vicente serviu-se muito e, sobretudo de sua própria experiência.

Vicente nasceu em 24 de abril de 1581, no vilarejo de Pouy, em uma pequena fazenda. Ainda muito cedo, começou a trabalhar na terra. De acordo com seu próprio testemunho, ele se especializou em guardar o rebanho. Para ele, a escola está fora de questão, assim como para seus três irmãos e duas irmãs: a família era muito pobre. Durante os seus catorze primeiros anos, o jovem Vicente teve muitas oportunidades de experimentar a vida dura e ingrata do pobre povo do campo e de refletir sobre ela. Rapidamente, em sua cabeça de criança, uma certa ambição começa a nascer e crescer. Todos conhecemos as lembranças da infância que o Padre Vicente evocou quanto tinha 78 anos: “ Quando eu era criança, quando meu pai me levava com ele para a cidade; eu tinha vergonha de acompanhá-lo e que me reconhecessem como seu filho, pois ele estava mal vestido e mancava um pouco” (XII 432). O pai de Vicente morreu em 1598 e esta confissão foi feita em dezembro de 1659. Remorso doloroso e reação significativa. Vicente era muito inteligente (ele o provará amplamente); pensou que talvez pudesse fazer outra coisa além de guardar vacas, ovelhas e porcos às margens do rio Adour.

O pai de Vicente aceitou colocá-lo em um pequeno colégio em Dax, em 1595. Para isto, ele fez grandes sacrifícios materiais, esperando que Vicente conseguisse rapidamente uma boa situação social que lhe permitisse ajudar em seguida a sua família.

Assim, Vicente começou seus estudos com a idade de 14 anos e não perdeu tempo. Dois anos mais tarde, em 1597 ele já frequentava a Universidade de Toulouse. Evidentemente, o nível dos estudos daquela época não podem ser comparados aos estudos de hoje, sobretudo aos estudos eclesiásticos que provavelmente, ou pelo menos em parte, eram praticamente o “*único caminho para os rapazes pobres e o único meio de adquirir instrução sem sobrecarregar muito as despesas dos pais*”.

Vicente teve que interromper por um certo tempo seus estudos universitários, para assumir a direção de uma pequena instituição em Buzet, a 30 quilômetros de Toulouse, onde ele instruíra alguns jovens, pensio-nistas.

Nesse meio tempo, ele foi ordenado sacerdote em 23 de setembro de 1600, em Château-l'Evêque, quando tinha 19 anos e meio. Em 1604 terminou a Universidade, recebendo o título de bacharel em teologia que lhe dava o direito de ensinar na universidade.

Nesse meio tempo, ele foi ordenado sacerdote, em 23 de setembro de 1600, em Château-l'Evêque, com a idade de 19 anos e meio. Em 1604, ele deixou a Universidade com o título de bacharel em teologia, com direito de ensinar na Universidade.

Assim, em comparação com a maioria dos padres de sua época, Vicente fez excelentes estudos para o seu tempo. O período que segue mostrará amplamente, o quanto esta bagagem intelectual acumulada ao longo dos nove anos de estudo poderia servir eficazmente na promoção do pobre, que era ele mesmo.

Vicente não esquecerá jamais esta experiência, o que explica em grande parte a importância que ele sempre dá à instrução e ao ensino no serviço dos pobres.

É significativo, por exemplo, que na carta à sua mãe em 17 de fevereiro de 1610 (única carta para a sua mãe que conservamos), escrita quando ele era capelão da corte de Margarida de Valois, Vicente de Paulo afirmou: “*Gostaria igualmente que meu irmão pusesse para estudar algum dos meus sobrinhos*” (SV I, pág. 20). Efetivamente, um dos sobrinhos de Vicente embarcou nos estudos e se tornou padre: François de Paul foi prebendeiro de Capbreton; morreu em 8 de junho de 1678.

Esta experiência de uma promoção pela instrução, Vicente a conservou sempre em sua memória. Sua visão em matéria de caridade efetiva, não era somente o socorro ou a assistência, mas, dar aos pobres os meios de sua própria subsistência. Esta última expressão surgirá muitas vezes nos lábios e nas cartas de São

Vicente e ele constituiu incontestavelmente um dos grandes princípios de sua ação. Ora, através da experiência, Vicente percebeu que a instrução era um meio muito eficaz para dar aos pobres a possibilidade de sua própria subsistência. Daí a importância que ele deu, desde o início ao ensino, no serviço dos pobres, importância que vai constantemente lembrar até o fim de sua vida.

Nós evocamos a experiência de estudante de Vicente de Paulo, experiência de uma promoção social devido, em grande parte, aos estudos. Vejamos agora, sua experiência como professor.

Infelizmente, temos pouquíssimas informações e documentos sobre esta experiência. Mas é importante ressaltar que a primeira atividade profissional de Vicente de Paulo foi uma atividade docente. No Colégio de Dax, quando tinha entre 15 e 16 anos, ele dava aula de reforço para os filhos do senhor de Comet. Mais tarde, em Buzet, assumiu uma pequena pensão onde ensinava, e finalmente, foi preceptor nos Gondi.

Antes do famoso ano de 1617, o ano de Gannes-Folleville e de Châtillon, Vicente se encontrou em situação e na função de professor durante quase dez anos. Acredito que não se insistiu muito sobre este ponto, embora muito importante para a experiência de São Vicente. Acredito que podemos dizer, sem exagero, que cronologicamente, Vicente foi primeiro professor, e sem dúvida, um professor talentoso.

Se tivéssemos tempo, poderíamos consagrar um longo desenvolvimento à pedagogia do Padre Vicente. Pedagogia em matéria de catequese ou de pregação ou pedagogia em suas conferências aos missionários e, sobretudo às Filhas da Caridade.

Em todos estas áreas, encontra-se certamente o fruto da experiência de Vicente docente. No que diz respeito às Filhas da Caridade, um estudo dos volumes IX e X de Coste seria particularmente interessante e esclarecedor. Sabemos que com poucas exceções significativas, as primeiras Filhas da Caridade eram pobres aldeãs, entre as quais um certo número não sabia nem ler, nem escrever. O Padre Vicente buscou pacientemente melhorar o método para assegurar a instrução e sua formação. Ele defendia muito o método dialogado em seu ensino, mas percebeu que os mais cultos falavam com mais frequência e mais demoradamente que os outros. Então, ele começa utilizar o método de questões e respostas, às vezes, tendo o prazer de valorizar algum aspecto, talvez um pouco banal, mas formulado por uma Irmã menos culta. Tinha a arte de deixar o seu auditório bem à vontade e confiante; de explicar com simplicidade, de voltar a falar sobre o assunto já estudado, como uma espécie de revisão; de ilustrar seu assunto e a preocupação de conservar sempre seu ensinamento em relação com a vida. Ele vivia intensamente estes momentos de colóquio a ponto de esquecer-se da hora ou de não poder controlar suas emoções, e relia atenciosamente suas anotações. Resumindo, Vicente de Paulo ao ensinar se revelou um pedagogo talentoso, apaixonado e experimentado. Ele teria uma boa tese a fazer sobre este assunto.

Mas, façamos algumas conclusões.

Vicente de Paulo foi estudante durante um certo tempo e jamais esqueceu tudo o que isto lhe proporcionara. Por muitos anos ele foi professor e assim permaneceu de uma maneira ou de outra, ao longo de toda a sua vida. Esta dupla experiência, Vicente explorou metodicamente para um melhor serviço dos pobres.

1. Primeiramente, podemos dizer que Padre Vicente sempre teve uma atitude positiva diante dos estudos. Algumas vezes, ele foi representado como uma espécie de Cura d'Ars antecipado, diante de recursos limitados, mas de uma santidade extraordinária. Esta maneira de enxergar a realidade, respondia, na verdade, a uma certa tendência espiritual do século XIX e do início do século XX. Para melhor destacar a ação da graça e acentuar o lado maravilhoso da santidade, diminuíamos a importância das realidades e dos meios naturais.

Vicente de Paulo tinha feito excelentes estudos para o seu tempo e muito provavelmente adquiriu uma cultura geral muito significativa. Às vezes, ele se descrevia como o "pobre estudante do quarto ano", o que era apenas um pouco de humildade temperada com muita malícia gasconha. Falando às suas comunidades, lembrava-lhes com frequência a necessidade da humildade do corpo, mas também, insistia muito na competência na qual via uma exigência resultante do respeito e da justiça aos pobres: *"Ainda que todos os padres, dizia ele aos primeiros Lazaristas, fossem obrigados a serem cultos, muito mais nós estaríamos especialmente obrigados a sê-lo em razão da ocupação e dos exercícios aos quais a Providência de Deus nos chamou"*

(XI, 126). E acrescentou: *"Precisamos da ciência, meus irmãos, e infeliz daqueles que não empregam bem seu tempo! Porém, temamos, temamos, meus irmãos e, se ousar dizer-lhes, recebemos, recebemos mil vezes mais do que eu poderia dizer; pois, aqueles que têm inteligência têm muito a temer, "pois, a ciência incha de orgulho" (1 Cor 8, 1); e aqueles que não a têm, é ainda pior, se eles não se humilham!"* (XI, 128).

O Padre Vicente não aceitava o estudo em suas Comunidades como um meio de destaque e de autovvalorização e, repreendia "aqueles que desejassem aparecer, alimentando-se de ilusões, querendo ser mais que os outros e estimados". Para ele, o estudo em suas Comunidades, deveria permanecer um meio de melhorar a evangelização e o serviço dos pobres. Ele jamais foi inimigo dos estudos, muito pelo contrário! Porém, no que se refere aos padres da Congregação da Missão e às Filhas da Caridade, ele desejava que os estudos estivessem voltados para a evangelização e para o serviço dos pobres. Espero ter a ocasião de voltar a falar sobre isso. Agora, falarei sobre a ação fundamental realizada por São Vicente para a instrução e formação do clero por meio dos seminários e por uma espécie de formação permanente que ele criou e realizou sob o nome de "Conferências das terças-feiras", reuniões semanais durante as quais os padres partilhavam "suas experiências pastorais, aprofundando alguns pontos da teologia e fazendo exercícios práticos de pregação e de catequese". Longe de ter sido uma espécie de obscurantista, Vicente de Paulo, trabalhou ativamente para elevar o nível intelectual da Igreja do seu tempo.

2. A partir das suas experiências de estudante e de professor, Vicente de Paulo chegou à conclusão que o ensino era uma das maneiras mais eficazes de servir os pobres. Certamente, para ele como para toda a Igreja de seu tempo, a instrução e até mesmo, simplesmente a alfabetização (pois, sobretudo era disto que se tratava) eram meios para uma melhor evangelização e uma catequese mais durável. Porém, parece que São Vicente, como diríamos hoje, percebeu perfeitamente que para os pobres a instrução era um meio de promoção e de autonomia social, um meio de libertação. Certamente não encontraremos nenhum destes termos na linguagem vicentina, mas encontraremos o equivalente por detrás de palavras ou de expressões como esta: *que eles não sejam um fardo para ninguém, que eles ganhem sua própria vida e possam sustentar-se*".

Em todos os regulamentos das Confrarias da Caridade que encontramos no volume XIII de Coste (páginas 417-539), estas expressões aparecem constantemente de uma maneira ou de outra. O Padre Vicente vai até afirmar que somente as crianças, os indefesos e os idosos devem receber todos os meios de subsistência. No entanto, dizia Vicente, aqueles que podem trabalhar para ganhar a vida recebem da Confraria apenas o complemento que lhes falta. Sabemos que no momento da distribuição de emergência nacional em Lorraine ou na Picardia após a devastação da guerra, Padre Vicente pediu que, uma vez dado o socorro de urgência, fosse distribuído aos camponeses arruinados, ferramentas e sementes. Tudo isto com o objetivo de permitir aos pobres autossustentar-se, o mais rápido possível. Aqui está um princípio fundamental da caridade vicentina e nesta perspectiva Vicente de Paulo situa a função do professor e o papel da escola. De acordo com Vicente, a escola deveria fornecer às crianças pobres os meios e as oportunidades para ganharem a vida, os meios para deixar as fileiras de assistidos. Foi por isto que Vicente de Paulo organizou verdadeiras pequenas escolas profissionais nas aldeias; ali se aprendia a ler e a escrever, mas também se aprendia uma profissão. Este tipo de escola ele chamava de "manufatura".

No regulamento de uma caridade mista, lemos o seguinte: *"Dar-se-á às crianças, aos debilitados e aos idosos o que lhes for necessário para viver por semana; aos que ganham uma parte do seu sustento, a Companhia lhes dará o complemento, e quanto aos rapazes dar-lhes-emos algum ofício, como o de tecelão que não custa mais do que três ou quatro escudos por cada aprendiz, ou se construirá uma manufatura de alguma obra fácil... Reunir-se-á todos os rapazes em uma casa alugada própria para isto, onde viverão e trabalharão sob a direção de um eclesiástico e sob a orientação de um mestre-de-obras... Os pobres aprendizes, com seus pais e mães, se obrigarão pela palavra, sob juramento, a ensinar gratuitamente seu ofício às pobres crianças da cidade que virão depois deles, quando os oficiais da Caridade lhes ordenarem, com a obrigação de os ditos aprendizes serem alimentados pela referida Companhia"*(XIII, 507-509).

Hoje, tudo isto pode parecer bastante rudimentar, mas no século XVII este tipo de realização era relativamente inédito. Em todo caso, este exemplo de manufatura mostra bem qual era a preocupação de São Vicente em matéria de ensino, a saber: preparar concretamente para a vida, dar às crianças pobres o máximo de oportunidades e de meios para sobreviverem com o trabalho de suas próprias mãos, sem que fiquem reduzidas às condições de humilhação das ajudas e das esmolas... Ainda que São Vicente não tenha empregado estes termos, acredito que se tratava aqui, do que chamaríamos hoje, a preocupação com a promoção social

dos pobres. Precisariamos evocar ainda, neste mesmo sentido tudo o que o Padre Vicente realizou, com as primeiras Filhas da Caridade para a promoção da mulher. Em seu tempo, nove entre dez mulheres e jovens eram analfabetas na França. As cruéis classificações das personagens de “*Les Femmes savantes*” (‘Mulheres sábias’) ou “*Précieuses ridicules*” (‘As preciosas ridículas’ - ambas obras de teatro de Molière) são muito conhecidas. Nesta área também, São Vicente teve uma ação decisiva.

Lembremos que dessas experiências de estudante e de professor, Vicente de Paulo retirou a convicção que o ensino era um dos grandes e mais eficazes meios para servir concretamente os pobres. Também não é de estranhar que, em todas as suas fundações, nas Confrarias, na Congregação da Missão e na Companhia das Filhas da Caridade tenha inserido um bom lugar para a função de docente.

3. Última conclusão desta dupla experiência de Vicente de Paulo: instrução e educação são meios eficazes para a evangelização e a salvação dos pobres. Elas asseguram a promoção humana e social, mas em vista da evangelização e da salvação. Esta era a visão e um pouco o interesse, da Igreja após o Concílio de Trento: a escola deveria dar ao pobre povo os meios para alimentar-se e defender-se na fé cristã, graças à leitura e o estudo do catecismo e do evangelho.

Após o ano de 1617, ano de sua conversão, Vicente se torna profundamente missionário e todos esses projetos e realizações foram desde então, missionários. Evidentemente, muito mais que a maioria dos seus contemporâneos, ele deu uma grande importância ao que chamamos hoje de “promoção”, mas, é claro que, para ele, o objetivo da escola e da educação foi a evangelização. De acordo com sua própria fórmula, a evangelização consistia em “apresentar Deus aos pobres, anunciar-lhes Jesus Cristo e dizer-lhes que o reino dos céus está próximo e que lhes pertence”. Esta preocupação primordial de evangelização e através da educação se encontra em praticamente todos os textos vicentinos relativos à função do docente.

Para São Vicente a função de docente tinha todo o seu valor apenas se:

- se tratasse claramente de uma obra de evangelização
- se fosse dirigida aos pobres

Estando estas duas condições unidas, nem um padre da Missão, nem uma Filha da Caridade poderia pensar nem dizer que, no exercício da função da docência, eles se sentiam mais ou menos à margem de sua vocação.

Reunidas estas duas condições, São Vicente estava convencido (e o afirmava muitas vezes) de que a escola e a educação constituíam um meio eficaz e privilegiado para o serviço dos pobres.

Assim concluímos a nossa reflexão sobre a experiência de Vicente de Paulo como estudante e professor. Vimos o quanto esta dupla experiência foi determinante para ele e para os pobres.

Padre Jean Morin, cm